

Gomes Coelho e os medicos.

Contributors

Lemos, Maximiano, 1860-1923.

Publication/Creation

Pôrto : "Enciclopédia Portuguesa", 1922.

Persistent URL

<https://wellcomecollection.org/works/kd8gpfp6>

License and attribution

This work has been identified as being free of known restrictions under copyright law, including all related and neighbouring rights and is being made available under the Creative Commons, Public Domain Mark.

You can copy, modify, distribute and perform the work, even for commercial purposes, without asking permission.



Wellcome Collection
183 Euston Road
London NW1 2BE UK
T +44 (0)20 7611 8722
E library@wellcomecollection.org
<https://wellcomecollection.org>

MAXIMIANO LEMOS

GOMES COELHO E OS MEDICOS

Propriedade e edição do autor

PÓRTO

Tip. a vapor da «Enciclopédia Portuguesa»

47 Rua Cândido dos Reis, 49

1922

CUB.AA8

(2)

**O MUNDO
DO LIVRO**

11-L. da Trindade-13
Telef. 36 99 51
Lisboa

(2)

CUB.AA8



22101289850

GOMES COELHO E OS MEDICOS

ROMES COELHO E OS MEDICOS



MAXIMIANO LEMOS

GOMES COELHO E OS MEDICOS

Propriedade e edição do autor

PÔRTO

Tip. a vapor da «Enciclopédia Portuguesa»

47, Rua Cândido dos Reis, 49

1922

NOVELS & NOVELISTS, Medical.
19 cent.

GOMES COELHO, Joaquin Guillermo
[1839-71]

GOMES COELHO E OS MEDICOS

(2)



CuB. AA8

323522

Gomes Coelho e os medicos

I

Gomes Coelho em Ovar. — João Semana: o pai de Julio Diniz; o medico-cirurgião João José da Silveira. — O cicerone de Gomes Coelho: o bacharel em medicina Manuel Pereira Zagalo.

Em julho e agosto de 1863, um moço e modesto escritor que em Ovar convalescia de uma hemoptise escreveu um livro que mais tarde, ao ser publicado, lhe daria rapidamente gloria merecida. Esse moço era o medico-cirurgião Joaquim Guilherme Gomes Coelho, mais conhecido pelo seu pseudonimo de Julio Diniz e o livro *As pupilas do senhor reitor* que ainda hoje é a mais lida das suas obras.

Uma das personagens mais simpaticas desse idillio campestre é o cirurgião João Semana, tipo de bondade aliada a uma certa rudeza com que tenta disfarça-la.

João Semana é assim apresentado:

“Era meio dia, um meio dia de verão, ardente, asphyxiante, calcinador, a hora a que tudo repousa, em

que as aves se escondem na folhagem, as plantas inclinam as summidades, desfallecidas de seiva, e os ribeiros quasi nem murmuram, de debeis e de exhaustos que vão.

Nem uma ténue vibração fazia sussurrar as alamedas e os soutos nos valles ou os pinheirais dos montes.

Apenas pelas sarças volteavam, como em danças caprichosas, enxames de insectos alados, sendo o seu zumbido importuno, ou o cantar longinquo dos gallos, os unicos sons a interromperem o silencio d'aquella hora.

Os caminhos e os campos estavam desertos; povoadas e fumegantes as cozinhas, onde a familia do lavrador se reune para a refeição principal do dia.

Mas quem estendesse a vista pelo extenso lanço de estrada a *mac-adam*, que corta em linha recta a povoação, e onde, n'aquelle momento, o sol batia em cheio, sem ser impedido por a menor folha de arvore, ou beira de telhado, descobria o vulto de um cavalleiro caminhando a trote e envolto na densa nuvem de poeira, levantada pelos pés da cavalgada.

Este cavalleiro era João Semana.

Trajava com toda a singeleza o velho cirurgião. Um fato completo de linho cru, botas amarellas de solidez de construcção, á prova de todo o tempo, chapéo de palha, de abas descommunes, tudo abrigado d'aquelle sol canicular por uma enorme umbella de panninho vermelho, rival em dimensões de uma tenda

Unable to display this page

donos, pela maior parte conhecia, quasi chegára a esquecer-se de que um ardentissimo sol lhe dardejava sobre a cabeça raios ameaçadores, tentando em vão exercer n'aquella robusta constituição a sua influencia maligna.

A egua é que se não esquecia assim facilmente d'isso, e, cada vez mais rapida, procurava furtar-se a tão incómodo calor, e ao seu inevitavel cortejo de moscas, que a traziam impaciente, não obstante os folhudos ramos de carvalho, com os quaes João Semana lhe enfeitara o pescoço.

Depois de cinco minutos mais de trote acelerado, tomou o pobre animal, com manifesta anciedade e sem esperar signal do cavalleiro, por uma rua estreita, que, abrindo-se ao lado esquerdo da estrada, seguia, sob espesso toldo de verdura, por entre duas quintas fronteiras.

Era um oásis, depois do deserto.

João Semana, porém, parecia tão indifferente ao vantajoso da mudança, como o fôra á desagradabilissima influencia dos raios do sol, em campo descoberto.

D'ahi por diante começavam a ser mais frequentes as habitações, e, ao barulho que fazia a egua sobre o terreno solido e nas pedras sôltas do caminho, asso-mava a cada janella uma cabeça, e João Semana recebia um cumprimento e um convite para jantar, a ambos os quaes elle correspondia com benevolente

familiaridade e ás vezes com gracejos, sempre bem recebidos e festejados.

Logo ao principio, foi um velho, em mangas de camisa, e de cabeça já despovoadade de cãs, que, segurando uma enorme tigela de caldo de tronchuda e vagens coroada por uma pyramide de boroa esmigalhada, appareceu á porta da cozinha, e disse com a bocca, meia occupada por mantimentos, e sorrindo:

— E' servido do meu jantar, sr. João Semana? E' pobre, sim, mas dado com a melhor vontade.

— Obrigado, tio José das Bicas, vou vêr se lá em casa a Joanna tem tambem o meu caldo em bom andamento.

— Então vá com a graça do Senhor, vá, que o calor não se soffre.

— Está picante, está. — E andando sempre e falando, já com as costas voltadas, perguntou: — E como vão os seus milhos, sr. José?

— Ora!... nem me falle n'isso! A sequeira é muita.

— Veremos se para a lua nova haverá mudança de tempo.

— Deus o queira.

— Ha de querer.

E proseguiu no seu caminho.

Mais adiante, foi uma mulher idosa, que espreitou do postigo de uma casa meio arruinada.

João Semana d'esta vez foi o primeiro a saudar.

— Bons dias, tia Rosa. Então como vae lá o seu velho? Fero e rijo, hein?

— Muito agradecida a v. s.^a Está fraquinho ainda, e por isso...

— Pois que saia, que saia. E' preciso tambem trabalhar por deitar fora as molestias; nós não podemos fazer tudo. Que passeie, diga-lhe que passeie. O mais que lhe pode acontecer, é que dêem com elle as môças; mas disso não se morre.

— Já não está em idade para tanto, sr. doutor.

— Fie-se n'elle; olhe que são os peiores.

E, dando uma gargalhada, dobrou a esquina e tomou por outra rua.

Do interior de um pardieiro, sahiu-lhe ao encontro uma rapariga do povo, magra, remendada e com um rosto que denotava afflicção.

— Muito boas tardes, sr. João Semana — disse a pobre rapariga com voz chorosa.

— Que temos lá, Maria? alguma novidade?

— E' que... — dizia ella, hesitando e baixando os olhos.

— Fala, despacha-te, que von com pressa.

— E' que me esqueci do que me disse d'aquelle remedio para minha mãe...

— Então onde diabo tinhas tu o juizo, gallo doido? Ai que vocês andam-me com essas cabecinhas não sei por que terras, e eu que vos ature depois. Aposto que te lembras melhor do que te disse hontem o teu conversado?

— Ora, o sr. João Semana tem coisas! E' que não sei se o remedio era todo para uma vez, ou...

— E' o que eu digo; é o que eu digo. Estouvada! cabeça no ar! Quantas vezes te repeti que era para três porções? Cuidas que não tenho mais que fazer, do que andar sempre a cantar a mesma cantiga por esse mundo de Christo? Ora vamos!

— E ha-de ser distante das comidas, que?...

— Que diabo aprendeste tu então de tudo o que eu te recommendei, fazes favor de me dizer? Pois não te expliquei, cabeça de bugalho, que era para lh'o dares, meia hora depois das comidas? Que tinhas tu nos ouvidos?

— Muito agradecida, sr. João Semana; e perdõe pelas almas, mas... a gente tem tanta coisa na cabeça...

— Valha-te uma figa.

E quando a rapariga se ia já a retirar, elle accrescentou, mudando de tom:

— Olha cá, ó Maria. Ouves?

A rapariga voltou-se. Levava os olhos vermelhos de chorar.

— Então que diabo é isto? Por que choras tu?

— Nada, sr. João Semana; é cá a nossa vida.

— Quanto te levou o boticario pelo remedio?

— Seis vintens.

— E... dize-me... E mataste hoje a gallinha para tua mãe?

— Dei-lhe o resto da de hontem.

— E para amanhã?

— Para amanhã...

E a rapariga calava-se embaraçada e triste.

João Semana tossiu para desimpedir a larynge de um pigarro importuno, e poz-se a olhar attentamente para um tronco de arvore, que lhe ficava á direita, como se lhe achasse o que quer que fosse de extravagante.

Durante este tempo, mexia nos bolsos do collete e depois nas algibeiras das calças; em seguida, olhando em roda, como se receasse ser observado, curvou-se sobre o pescoço da egua e introduziu uma moeda de prata na mão da pobre rapariga, dizendo-lhe com modo rapido e desabrido:

— Toma lá. Olha agora vê se te pões a dar á lingua, como costumás. Afflige bem tua mãe, afflige!

A rapariga não teve uma só palavra com que lhe agradecer. Quiz-lhe tomar as mãos para beijal-as; João Semana furtou-lh'as rapidamente, dizendo com simulada aspereza:

— Larga, larga. Não me venhas cá com essas imposturas, que eu não sou para isso.

O melhor dos agradecimentos tinha-o elle nas lagrimas, que desciam pelas faces da pobre, na expressão de entranhado affecto que lhe animava o olhar.

O velho cirurgião sabia comprehender estas coisas,

apesar das apparencias de homem endurecido, de que fazia ostentação.

Ao afastar-se do logar da scena que descrevemos, dizia elle para si:

— Excellente vida! lucrativa clinica! Rendeu-me esta consulta, na verdade! Quem não ha-de fazer casa assim?

Estava o bom homem a fingir de interesseiro consigo mesmo!

Dentro em pouco tinha-se esquecido do que praticára.

Mais adeante, esperava-o um lavrador robusto, sentado na soleira da porta, a comer uma fêvera de bacalhau. Assim que João Semana se approximou, levantou-se o homem e tirando o barrete:

— Nosso Senhor venha em sua companhia.

— Bons dias; então que ha?

— Queria que vossemecê me dissesse se minha mulher póde comer uma sardinha assada.

— Pode, mas de caminho avisa o padre que a venha sacramentar.

— Credo! mas então...

— Adeus, minhas encommendas. A perguntas tolas não se dá respostas. Forte descôco!

E, sem mais palavra, estimulou o passo da egua.

O consultante sentou-se de novo, e voltando-se para dentro disse:

— Ouviste-o? Ora ahi tens.

Respondeu-lhe um suspiro.

Ainda não pararam aqui as consultas. Ao passar por uma azenha, o moleiro, vindo á porta, annunciou ao velho facultativo que a mulher não queria tomar remedio algum.

— Está no seu direito, — respondeu João Semana — e que queres que eu lhe faça?

— Mas, sendo precisos?

— Sabes que mais, Francisco? eu, se me não casei, não foi para agora andar a aturar as impertinencias das mulheres do meu proximo. Atura-a, atura-a, rapaz, que são ossos do officio.

E continuou cavalgando, e deixou o moleiro embasbacado. Depois de se ter afastado, accrescentou, elevando a voz, mas sem se voltar para traz:

— Olha lá; sempre lhe vae dizendo que, se amanhã não se encontrar melhor, prego-lhe um caustico nas costas, que lhe ha-de fazer ver as estrellas ao meio dia. Ora anda.

Emfim, em um largo assombrado de castanheiros, foram duas creanças as que lhe interromperam a passagem; assim que o avistaram, ergueram-se do chão, onde estavam sentadas, tirando o chapéo e pondo-se a coçar na cabeça.

— Que temos nós, pequenada? — perguntou-lhe João Semana.

Um dos pequenos foi o relator da commissão.

— O nosso Luiz está doente, e a mãe manda pedir ao sr. doutor para o ir vêr.

— Está bom; lá irei de tarde; e como está tua mãe?

— A mãe diz que está melhor, mas ella chora tanto!

— Tens razão, Manuel, em duvidar da saude do que chora. Pois eu verei isso. Vá; ide jantar e fazei rir vossa mãe, que é meia cura já.

Por tal forma ia sendo o boudoso João Semana cumprimentado, interrogado e consultado, e elle a responder a tudo com a maxima expedição possível, que já lhe não soffriam delongas as reclamações imperiosas do estomago.

Chegou assim ao largo da egreja da freguezia e atravessou-o por deante da residencia do reitor. Deitou de soslaio os olhos para as janellas da casa parochial, e, como as visse fechadas, picou a egua, para ver se escapava, sem vir á fala e evitava novos empecilhos.

Não conseguiu, porém, o seu intento.

Uma das vidraças correu-se repentinamente, e o reitor appareceu á janella, animado de sorrisos, e com um guardanapo na mão.

— Ó João Semana! Ó homem! Ó velhote! Pschiu! — bradava elle.

João Semana foi obrigado a voltar-se.

— Que é lá?

— Espera; fala á gente.

— Vou com pressa.

— Então andas por fora com um calor d'estes? Isso é de crear malignas, homem.

— Que queres tu, abbade? Meu pae cahiu na pate-tice de me arranjar este modo de vida. Se lhe tivesse dado na mania fazer-me padre, outro gallo me cantara.

— Cuidas então que não temos cancelleiras?

— Ai, dão-te muito que fazer as tuas ovelhas; estou vendo.

— E não dão pouco.

— Só a cardal-as com as congruas e derramas! Por isso estás magro. Para vos sustentar suamos nós outros.

O reitor sorria, sem a menor sombra de offensa.

— Vamos a saber? Queres provar do meu arroz?

— Eu?! Já não tenho estomago creado para comidas de padres. Padre, abbade, e egresso, de mais a mais! Safa! Morria de indigestão esta noite.

— Anda lá, anda lá; ainda não perdoaste aos padres. Morres impenitente.

— Como queres tu que eu lhes perdôe o terem gosado sem mim d'aquella santa vida de convento?

— Santa, sim; porém sem mortificações, não.

— Oh! de certo que não. Os melhores cozinheiros teem ás vezes os seus descuidos, e os paladares de v. rev.^{mas}, lá de quando em quando, aturam o esturro no arroz, sal de mais na sôpa, pimenta de menos no guisado, ou outra coisa assim, lá isso...

— Valha-te não sei que diga. A vida é para ti, homem, que, com oitenta, estás fero e robusto, e levas geito de assistir ao nascimento do seculo vinte.

— É para veres de que fêveras eu sou. Se tivesse a tua vida, viveria como Noé. Mas tu estás de palanque e á fresca, e eu aqui estatelado a dar-te trela. Adeus, meu amigo.

— Olha lá, espera, homem. Então nem um calix do meu bastardo, hein? Olha que é do que tu gostas.

— Prefiro uma garrafa em minha casa.

— Lá franco no pedir és tu! Mas do que ninguem se gaba é de saber o gosto do teu moscatel.

— Querias talvez que eu te mandasse um presente de vinho?! Era o que me faltava! Presentes de vinho! E a um frade!...

E, dizendo isto, poz-se a caminho, achando-se, dentro em pouco, a distancia já consideravel da residencia.

De repente, como se lhe ocorresse uma lembrança, cuja communicação não podia soffrer demoras, voltou de novo atraz e elevando a voz:

— O' abbade, tu não sabes a historia d'aquelle frade franciscano que...?

— Não sei, não; ora conta lá, João Semana, conta — disse o reitor, debruçando-se no peitoril da janella, e já com aspecto risonho.

— Havia lá no convento — principiou João Semana — uma pintura muito grande, representando a

ceia de Christo; e era esta pintura a que mais attrahia as meditações piedosas do tal reverendo, o qual, de olhos fitos n'aquelle quadro, passava horas e horas esquecido de tudo o mais. Outro frade, que tinha notado isto, não pode ter mão em si que lhe não perguntasse com aquella voz de lamuria de franciscano manhoso: "Em que pensaes vós, irmão, quando com tanta attenção olhaes para este quadro?," "Nos tormentos que por nós padeceu o Salvador," — respondeu-lhe o tal. "E longos foram na verdade!," — continuou o primeiro. "Mas porque esta pintura mais do que as outras, vos traz tão santas ideias? Não tendes na sacristia a do Descimento da Cruz e aquella do Senhor preso á columna?," E' verdade, irmão — diz-lhe então o franciscano com cara de mortificação — é verdade, mas olhae que não menor tormento era este de ter doze pessoas á mesa, e tão pouco de comer em cima d'ella.,

E João Semana, dizendo isto, roçou as esporas pela barriga da egua, e partiu, acompanhado de uma grande gargalhada do reitor, que era perdido por as anedoctas de João Semana.

— Onde diabo vae este homem buscar estas coisas! — dizia o reitor, chorando de tanto que se ria.,⁽¹⁾

Não é esta a unica passagem em que é salien-

(1) Julio Diniz — *As pupilas do senhor reitor*. Grande edição de luxo, pag. 145 e seguintes.

tada a bondade, a alegria e o desinteresse do cirurgião provinciano. Era uma figura de fantasia? ou pelo contrario tinha ido o romancista buscar as feições da personagem a qualquer individuo real?

Num artigo publicado pelo illustre escritor Anthero de Figueiredo, com o titulo de *Julio Diniz em Ovar*, nos *Serões* de fevereiro de 1906 aventam-se dois modelos para o cirurgião das *Pupilas*: seu pai, o dr. José Joaquim Gomes Coelho e o dr. João José da Silveira, falecido em Ovar em 1896. O sr. Figueiredo, nas legendas com que acompanha os retratos dos dois cirurgiões, acentua a diferença em que os tem sob este ponto de vista: do dr. José Joaquim Gomes Coelho escreve que, segundo a opinião do snr. Alberto Pimentel, poderia ter concorrido para o tipo do cirurgião antigo que Julio Diniz creou no dr. João Semana; do dr. João José da Silveira diz categoricamente "que serviu de modelo do dr. João Semana."

Debaixo de muitos pontos de vista, o pai de Gomes Coelho não se aproximava do cirurgião das *Pupilas*. Na rudeza e no desinteresse podia haver semelhança, mas não se póde admitir que um pai constantemente alanceado pela perda dos filhos que a tuberculose ceifava dia a dia exhibisse a alegria que João Semana ordinariamente manifestava na galhofeira palestra.

José Joaquim Gomes Coelho frequentara as aulas de cirurgia do Hospital da Misericórdia do Porto, foi

facultativo do Hospital da Ordem de S. Francisco e tinha a maior parte da sua clinica em Vila Nova de Gaia. Nasceu em Ovar em 22 de agosto de 1802 e casou em 20 de agosto de 1827 no Porto com D. Ana Constança Potter, tendo deste casamento 9 filhos, o penultimo dos quais foi Joaquim Guilherme, o Julio Diniz que é objecto deste trabalho.

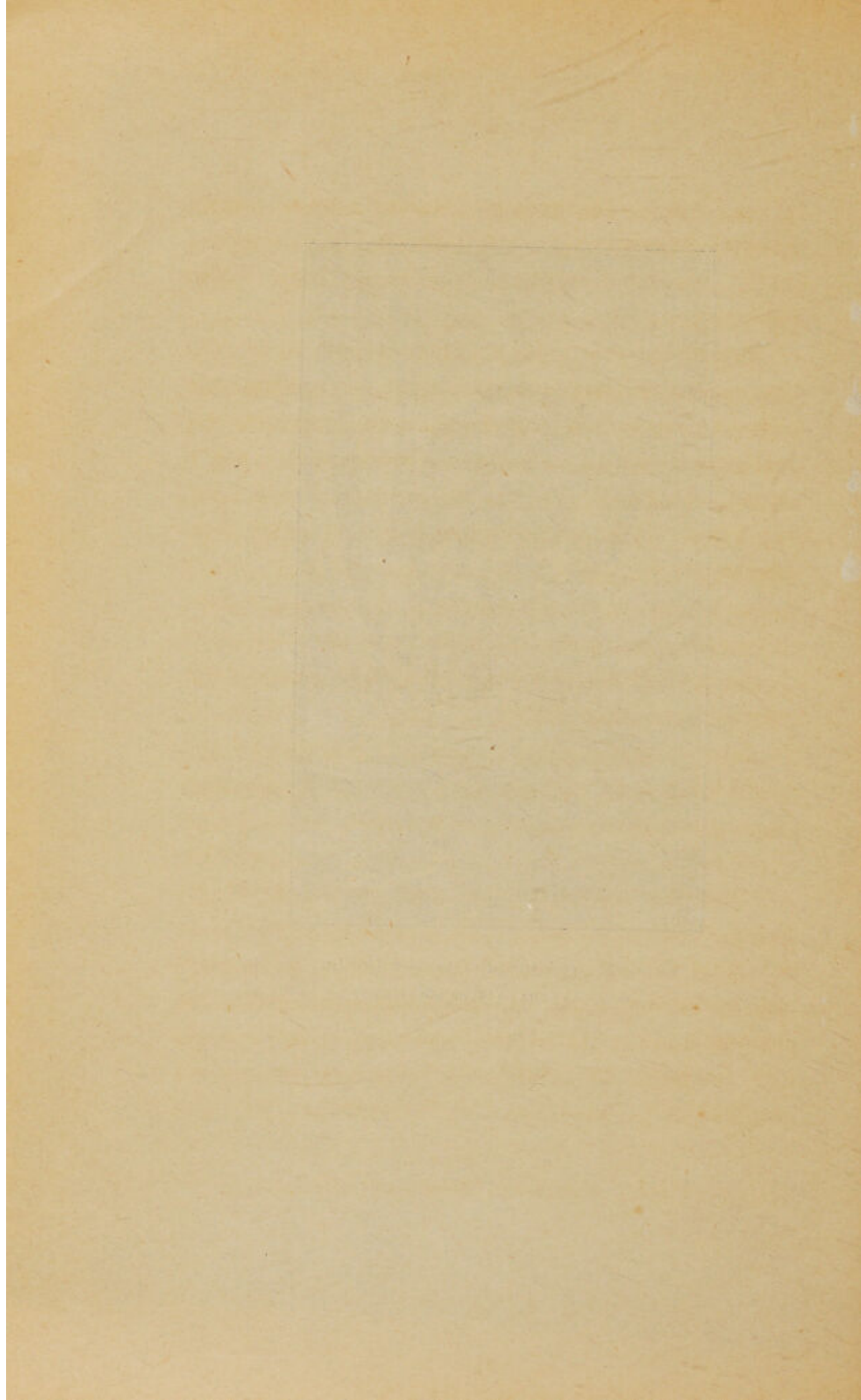
Pouco antes do falecimento deste filho, transferiu a sua residencia para Lisboa, para casa de sua neta D. Ana Gomes Coelho da Silva e aí morreu quasi que subitamente, aos 83 anos, em 21 de julho de 1885. Está sepultado no cemiterio de Agramonte, no Porto, no jazigo onde já estavam seus filhos José e Joaquim.

O pai de Julio Diniz, diz o autor de outro artigo dos *Serões*, era dotado de um temperamento concentrado e excentrico, rispido na apparencia e bondoso no fundo, o original em suma daquelle Richard Whiston que seu filho admiravelmente delineou na *Familia Inglesa*, por ventura o mais realista ou, como hoje é uso dizer, o mais vivido dos seus romances. As relações entre pai e filho tiveram sempre uma certa tensão, não devida a quaesquer conflagrações que o mutuo amor não consentiria, mas proveniente de dois temperamentos reservados, austero no primeiro, melindroso no segundo. Raro trocavam palavras que não fossem de mera saudação quotidiana. Quando o velho doutor julgava urgente alguma comunicação a seu filho, fazia-a geralmente por uma carta



Cirurgião José Joaquim Gomes Coelho

REPRODUÇÃO DUMA GRAVURA DOS «SERÕES»



ou nota que lhe deixava no quarto, quando o sabia ausente. Exactamente o que se reproduz no romance aludido, entre o fleugmatico comerciante inglez e seu filho Carlos,,⁽¹⁾

O respeito que Gomes Coelho mostrava por seu velho pai manifestava-se por vezes eloquentemente. Quando defendeu a sua dissertação inaugural *Da importancia dos estudos metereologicos para a medicina e especialmente de suas applicações no ramo operatorio* (Porto, 1861) encontra-se nela esta unica dedicatória:

A seu pai
o Il.^{mo} Senhor
José Joaquim Gomes Coelho
em testemunho
de
respeito e afeição
oferece
o Autor.

Referindo-se, porém, a uma carta particular, Souza Viterbo escreveu: "Ha todavia uma carta, joia das mais preciosas do escriptorio epistolar portuguez, que bastaria a sanar e redimir todos os defeitos das companheiras, se por acaso fosse preciso passar ao de leve a esponja da indulgencia pelas suas pequeninas manchas sem importancia. Terminadas as lides afa-

(1) *Serões*, n.º 14 de agosto de 1906, pag. 91.

Se o respeito e a afeição do filho aqui ficam salientadas, alguma coisa sabemos do affecto paternal. O snr. Guilherme Gomes Coelho, sobrinho do grande romancista, communicou ao snr. H. Lopes de Mendonça, que então redigia os *Serões*, algumas informações interessantes a respeito das relações entre filho e pai. "As relações entre pai e filho tiveram sempre uma certa tensão, não devida a quaesquer conflagrações que o mutuo amor não consentiria, mas proveniente do conflicto permanente de dois temperamentos igualmente reservados, austero no primeiro, melindroso no segundo. Raro trocavam palavras que não fossem de mera saudação quotidiana. Quando o velho doutor julgava urgente alguma comunicação a seu filho, fazia-a geralmente por uma carta ou nota que lhe deixava no quarto, quando o sabia ausente. Exactamente o que se reproduz no romance aludido, ⁽¹⁾ entre o fleumatico commerciante inglez e seu filho Carlos.

"Vem a pello uma anecdota, perfeitamente illustrativa desse aparente alheamento daqueles dois espiritos que se estremeciam. Em março de 1866 começou a apparecer em folhetins, num jornal do Porto, o belo romance *As Pupilas do Senhor Reitor*, que desde o começo produziu por toda a parte um movimento de alvoroçada simpatia e de viva curiosidade. Quem

(¹) *Uma familia ingleza.*

seria aquele brilhante espirito, aquele émulo português de Dickens, que se ocultava sob o modesto pseudonimo de Julio Diniz? Nas ruas, nos cafés, no seio das familias, aventavam-se hipoteses, formulavam-se alvitres, e pouca era a gente, ainda entre a mais avessa a assumptos de ordem intellectual, que se desinteressava do palpitante problema. O proprio Dr. Gomes Coelho trazia das cavaqueiras com os amigos ideias e sugestões, que, vencendo a sua habitual frieza, irrompiam aos farrapos á meza da familia. Calado o escutava Joaquim Guilherme, a esse tempo já demonstrador na secção medica na Escola do Porto, e apenas, quando instado, respondia com monossilabos ou frases vagas ás perguntas ou presunções de seu pai.

“Eis senão quando este, um belo dia, entrando acaso no quarto do filho, onde o levava provavelmente alguma comunicação escrita que precisava deixar-lhe, ficou surprehendido de ver na secretaria uns quartos avulsos para impressão, sobre os quais lançou maquinalmente os olhos. Surgiam-lhe os nomes dos personagens cuja historia fabulada comovia ao tempo o Porto inteiro. Aguçado pela curiosidade, leu e compreendeu tudo. E o orgulho paterno não lhe permitiu guardar segredo. Revelou-o aos amigos. E foi assim que o Porto soube, e que o paiz inteiro veio a saber, quem era o novel romancista, e identificou com uma

criatura viva e contingente o nome que devia ser uma das mais puras glorias da literatura nacional.,⁽¹⁾

Em carta de 5 de março de 1869 a Custodio Passos, quando partiu pela primeira vez para a Madeira, diz Gomes Coelho ácerca de seu pai: "Não é amor ao Porto o que me prende. A minha familia é cada vez mais limitada. Se não fosse meu pai, talvez me resolvesse a dar um golpe de estado desses que me atraíriam dos homens sensatos o epiteto de *pateta*. Meu pai porém, está hoje mais isolado que nunca. Eu imagino o quanto lhe ha-de ter custado a separação, a um tempo, do filho e da neta. Basta que te diga que foi isso o que o obrigou a vir a Lisboa, onde hontem me appareceu. Como lhe custaria se a minha ausencia fosse permanente!.,⁽²⁾

Se, porém, a amizade intensa entre pai e filho fica provada, repetimos que não ha motivo para tomar o pai de Gomes Coelho como o tipo de João Semana. Essa honra ficou toda no medico cirurgião de Ovar, João José da Silveira.

As pesquisas que a seu respeito fizemos seriam muito pouco produtivas se não encontrassemos dedicado auxilio no nosso antigo discipulo Domingos Lopes Fidalgo que solicitou e obteve o concurso de

⁽¹⁾ *Julio Diniz* — Um autografo e um inedito do grande romanista nos *Serões* de agosto de 1906.

⁽²⁾ *Ineditos e esparsos*, pag. 402.



Medico cirurgião João José da Silveira

TIPO DE JOÃO SEMANA



um cavalheiro seu conterraneo, o snr. Antonio Dias Simões, que conheceu pessoalmente o velho cirurgião.

O dr. João José da Silveira nasceu em Ovar a 21 de fevereiro de 1812, conforme lemos na certidão de idade que acompanha o seu requerimento para a matricula na antiga Escola Medico-cirurgica, hoje Faculdade de Medicina do Porto. Era filho de Damião José da Silveira, tenente de milicias, e de sua esposa D. Ana Rosa do Paraíso, que se diz descender da familia dos Marquezes de Tavora, tendo um dos seus ascendentes buscado refugio em Ovar com receio á sanha do Marquez de Pombal que exterminou aquella familia. Por esse motivo aquella senhora deixou de usar os apelidos "Ponces de Leão,, precavendo-se contra quaisquer perseguições. (sr. Simões.)

João José da Silveira matriculou-se no 1.º ano do curso medico-cirurgico a 7 de outubro de 1835, com 23 anos, e fez a defeza da sua dissertação inaugural em 16 de dezembro de 1841. Não se encontra este escrito na coleção de dissertações da Faculdade de Medicina do Porto, mas constou ao sr. Simões que tinha por objecto a *Fistula do anus*.

Logo que concluiu o curso, começou a exercer clinica na freguezia de Arada do concelho de Ovar e aí permaneceu durante oito anos, conquistando muitas simpatias e recebendo muitas provas de estima e gratidão.

Em 11 de janeiro de 1852 foi colocado no parti-

do municipal de Ovar, cargo que desempenhou ininterruptamente até 29 de novembro de 1896, data em que faleceu na sua casa do Largo de S. Pedro, hoje Largo do Dr. Francisco Zagalo. Antes viveu no sitio das Luzes, onde era a casa de seus pais, motivo por que tambem foi conhecido, em Ovar, pelo nome de Dr. João das Luzes.

Casou em 1854 com D. Luiza Ludovina Fonseca da Silveira, de quem houve os seguintes filhos: Manuel Maria Fernandes da Silveira, que tambem frequentou a Escola Medico-Cirurgica do Porto, sem todavia se chegar a formar, Elisio Fonseca da Silveira, já falecidos, e D. Maria Mafalda, D. Herminia, D. Maria Luiza, D. Estefania, D. Hortensia e Isaac Julio Fonseca da Silveira, que ainda vivem.

Espirito generoso, franco, leal e despido de vaidades, por vezes rude mas sempre sincero, prestou grandes serviços á sua terra, nomeadamente por ocasião em que a febre amarela invadiu Ovar, durante o reinado de D. Pedro V.

Nunca o abandonou a sua celebre e habitual bonhomia, mesmo nas ocasiões mais criticas da sua vida. Afecto á medicina tradicional, não recebia com entusiasmo as novidades terapeuticas, rematando as considerações que a tal proposito fazia, com esta frase que muito se vulgarizou: "Agora cura-se á moderna, mas morre-se á antiga."

Acceptava o regimen vegetariano, mas com algu-

mas restricções: Não punha duvida em prescrever o uso dos grêlos, mas... com bom bacalhau e azeite. A batata era um bom alimento, acompanhada de... lombo assado, e as ervilhas eram tambem magnificas... desde que fossem guizadas com franguinhos bem tenros.

As anedotas eram o seu forte, e tinha-as muito espirituosas, sobretudo as respeitantes a frades, repetindo-se ainda hoje em Ovar as que contava.

Em carta ao seu amigo Custodio Passos, de 11 de Maio de 1863, Gomes Coelho lamentava a deterioração dos tipos classicos que havia muito se notava no Porto e se não observava em Ovar:

“Tenho notado que em Ovar os tipos não degeneraram ainda.

“Entre os males que traz a civilização consigo, um deles é, a meu ver, a deterioração dos tipos classicos. No Porto já se não distingue facilmente um medico de um advogado, este de um boticario ou de um padre; a confusão não vem só do vestuario, que todos capricham em fazer á moda, vem dos habitos, dos assuntos prediletos de conversação, dos gestos e opiniões, que dantes variavam em cada classe e hoje tendem cada vez mais a tornarem-se comuns a todos.

“Em Ovar não é assim.

“O medico é ainda aqui o antigo medico que se denuncia ás primeiras palavras; o mercieiro apresenta todos os caracteres proprios da especie; o padre

Unable to display this page

cumprimentos, apresentou-o o dr. Augusto Barbosa a dois seus amigos e antigos condiscipulos que, por mera curiosidade, creio eu, se nos tinham reunido na estação de Campanhã e que seguiam para o sul, não me recorde já com que destino. Entabulada uma alegre conversação em que João Silveira logo interveio com as suas anedotas e ditos chistosos, não tardou que um dos condiscipulos do dr. Augusto Barbosa, acotovelando-o, lhe dissesse a meia voz: — Mas este homem é o tipo do João Semana!.,

O dr. Augusto, sorrindo, impoz-lhe silencio, declarando-lhe que tinha adivinhado, e fui eu quem informou em meias palavras o nosso perspicaz interlocutor de que efectivamente ia ali, em nossa companhia, o verdadeiro, o autentico João Semana. O bondoso cirurgião das *Pupilas* era, mesmo depois de muito velho, uma prova viva de que Julio Diniz fidelissimamente o retratara!

“Com effeito, a sua figura patriarcal, cheia de carinho e bondade; a atraente familiaridade com que a todos procurava acolher; os belos sentimentos reveladores de uma alma generosa e lavada que se espelhava no rosto desanuveado e franco e muito especialmente aquella irresistivel tendencia para, sob qualquer pretexto, e sempre chalaceando, contar a sua historia em que, raras vezes, poupava os frades, tudo isso foi apanhado em flagrante pelo romancista ao

bondoso e honrado homem que se chamava dr. João José da Silveira.

Uma fotografia — e está dito tudo.,

Gomes Coelho, que levava uma vida tranquila em Ovar, conheceu ali mais um medico a quem se refere na sua correspondencia com Custodio Passos. De uma das suas cartas cortamos a seguinte passagem:

“O dr. Zagalo, meu principal cicerone, é um tanto original, tem-me massado horivelmente com as suas apologias ao seculo 19.º e ao poder inventivo dos homens; é o Eugenio Pelletan cá da terra.,”⁽¹⁾

Este cicerone de Gomes Coelho era Manuel Pereira Zagalo, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra. Filho de João Pereira Zagalo e Bernarda de Oliveira, proprietarios, naturais de Ovar e moradores no antigo Largo dos Campos, hoje 5 de Outubro, nasceu em Ovar em 22 de outubro de 1806, e aí faleceu em 5 de junho de 1872. Morava numa casa vizinha daquela em que residiu Gomes Coelho, o que lhe facilitava a tarefa de pilotar o seu joven colega nas suas digressões pela vila que tão saudosas recordações deixou no espirito deste.

Zagalo matriculou-se na Universidade de Coimbra em 1824-1825 com o n.º 10 em matematica e com o

(1) Carta a Custodio Passos, de Ovar, 11 de maio de 1863.

n.º 16 em Filosofia. Em 1829-1830, e com o n.º 6, ingressou na Faculdade de Medicina e concluiu o curso em 1838-1839, visto que o ano de 1834-1835 não foi aproveitado, por ter estado encerrada a Universidade.

Pouco depois da conclusão do curso, a 14 de agosto de 1839, foi nomeado medico do partido municipal de Ovar, desempenhando este cargo até ao seu falecimento.

Era casado com D. Archangela Henriqueta Brandão Pinto Baldaia, de quem teve dous filhos.

O snr. Simões, a quem já tanto devemos ácerca do medico-cirurgião Silveira, informa-nos que era um homem alto, magro, de cara rapada e excessivamente moreno. Falava sempre com um metal de voz fino e vibrante, que chegava a ouvir-se a grande distancia.

Usava habitualmente capote e chapéu alto e visitava a pé os seus doentes da vila e a cavallo os que residiam a maior distancia.

Estes apontamentos servirão de comentario ás palavras de Gomes Coelho na carta a Custodio Passos.

estudo da literatura, com destaque para a obra de
 Machado de Assis, e a análise da linguagem
 e da estrutura da narrativa. O texto aborda a
 importância da leitura crítica e da interpretação
 dos textos literários, bem como a relação entre
 a literatura e a sociedade. O autor discute a
 função social da literatura e a importância de
 compreender os contextos históricos e culturais
 em que os textos foram produzidos.

Além disso, o texto aborda a importância da
 leitura crítica e da interpretação dos textos
 literários, bem como a relação entre a literatura
 e a sociedade. O autor discute a função social
 da literatura e a importância de compreender
 os contextos históricos e culturais em que os
 textos foram produzidos. O texto também
 aborda a importância da leitura crítica e da
 interpretação dos textos literários, bem como
 a relação entre a literatura e a sociedade.

O texto também aborda a importância da
 leitura crítica e da interpretação dos textos
 literários, bem como a relação entre a literatura
 e a sociedade. O autor discute a função social
 da literatura e a importância de compreender
 os contextos históricos e culturais em que os
 textos foram produzidos. O texto também
 aborda a importância da leitura crítica e da
 interpretação dos textos literários, bem como
 a relação entre a literatura e a sociedade.

O texto também aborda a importância da
 leitura crítica e da interpretação dos textos
 literários, bem como a relação entre a literatura
 e a sociedade. O autor discute a função social
 da literatura e a importância de compreender
 os contextos históricos e culturais em que os
 textos foram produzidos. O texto também
 aborda a importância da leitura crítica e da
 interpretação dos textos literários, bem como
 a relação entre a literatura e a sociedade.

II

O pharmaceutico Bernardo de Oliveira Ramos, primo de Gomes Coelho. — O primeiro concurso a que se apresentou Gomes Coelho. — Apreciações do «Jornal do Commercio». — Gomes Coelho secretario da Escola. — Um documento inedito.

A hemoptise que acometera Gomes Coelho impedira-o de dar provas no primeiro concurso a que se apresentou á Escola Medico-Cirurgica do Porto. Os concorrentes eram, além dele, os d^{rs}. José Carlos Lopes Junior, Miguel Augusto Cesar de Andrade e Pedro Augusto Dias que todos haviam de ser professores daquele estabelecimento, como ele o viria a ser.

Gomes Coelho tinha uma tia viuva em Ovar, e a escolha daquela vila para a convalescença do seu incomodo pulmonar devia-se a esta circumstancia. No Porto, exercia a profissão de pharmaceutico um primo de seu pai, a quem Gomes Coelho chamava tio e de quem muito pouco sabemos — Bernardo de Oliveira Ramos — que tinha a sua botica, como então se dizia, na Rua do Loureiro n.^{os} 69 e 70. Mais tarde, ou porque mudasse de casa ou porque fosse alterada a numeração, o n.^o passou a ser 100.

Bernardo de Oliveira Ramos nasceu em Ovar em 1791 e já estava estabelecido na Rua do Loureiro pelo menos em 1835. Da sua actividade profissional nada nos consta, senão que em 1852 preparava e vendia na sua oficina uns bolos de quina do Conde de Terena como prova o seguinte

ANNUNCIO

Na Botica de Bernardo d'Oliveira Ramos, do Porto, rua do Loureiro n.ºs 69 e 70, fazem-se os bolos de quina do Conde de Terena; quem d'elles precisar levando os limões doces se lhe aprontam com toda a brevidade possível, pois tem a receita impressa. ⁽¹⁾

O varino era bairrista e tinha grande amor á sua terra. Gomes Coelho que partira para Ovar logo depois do funesto incidente que o levava a renunciar á produção das provas do seu concurso, escrevia a Custodio Passos, a 11 de maio de 1863:

"Se falares com meu tio Bernardo e ele te perguntar se eu tenho escrito, dize-lhe que sim e que te contei maravilhas da terra. E' uma coisa que o lisongeia e que é de facil execução." ⁽²⁾

Em outra carta da mesma data ⁽³⁾ ao mesmo Passos, ha nova referencia a este parente:

⁽¹⁾ *Gazeta Medica do Porto* n.º 255, de 30 de outubro de 1852.

⁽²⁾ *Ineditos e esparsos*, pag. 35.

⁽³⁾ Parece-nos errada esta data e que deve ser posterior a 13 de maio, como se colige da mesma carta.

“Ha dias recebi uma carta de meu tio Bernardo em resposta a outra que eu lhe escrevera, agradecendo-lhe os oferecimentos que em nome dele me fizera aqui em Ovar o seu procurador.

“Ha um periodo nesta carta que *ipsis verbis* transcreverei, até porque a redação tem o estilo do homem:

— Agora falarei na demanda passada e injustamente vencida em primeira instancia; falo do concurso; já se fala pouco nele; maravilhas são tres dias, diz o ditado, mas ainda de quando em quando lá leva a sua trincadela algum dos lentes. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele; não tem nenhuma folha do Porto falado nisso, mas ha desconfianças de que a *Gazeta Homeopatica* o venha a fazer; o *Jornal do Comercio*, de Lisboa, já o fez: E’ de 13 do corrente.

“Este periodo, em sua linguagem um tanto imaginosa, veio-me recordar uma coisa que, para te falar a verdade, me ia passando da ideia, e uma vez que assim aconteceu, sempre desejaria saber o que disse o *Jornal do Comercio*, provavelmente na correspondencia do Fr.

“Se o leste dize-me em duas palavras o que é.,

E’ natural que o dedicado amigo de Gomes Coelho lhe satisfizesse a curiosidade. Nós estamos em circumstancias de o fazer. Era correspondente do *Jornal do Comercio* um amigo de Gomes Coelho que este designa pela abreviatura Fr. (Francisco Carqueja?). Certo é que ele acompanhava o concurso da Escola

Medico-Cirurgica com o maior interesse, que em geral estava bem informado, e dava indicações curiosas sobre os incidentes que por então se deram. Como nas Bibliotecas do Porto não encontramos este periodico, tivemos de recorrer ao nosso bom amigo Pedro A. de Azevedo que nos copiou os trechos seguintes:

“Na proxima semana principião os concursos para a cadeira vaga na Escola Medico-Cirurgica. Os pontos para as dissertações penso que são 20; para as prelecções 80! São estas, pelo menos, as informações que tenho. A ser assim, torna-se necessario sabel-os quinze dias antes.” (1)

“O snr. Carlos Lopes é tido por moço de muito talento e foi premiado na Universidade. Mas faltou-lhe a presença de espirito, a ponto de parar por duas vezes, e numa delas ouvi que recusou continuar. Isto não prova contra seu merecimento, nem como tal o dou. Narro o facto. Amanhã um dos opositores tira ponto para o concurso á cadeira vaga na Escola Medico-Cirurgica do Porto. Entre os concorrentes ha um por nome Joaquim Guilherme Gomes Coelho, mancebo de grande talento, muito circunspecto, sempre premiado e que defendeu teses com elogios notaveis dos seus professores.” (2)

“Hontem foi o dia destinado para a prelecção do

(1) *J. do Comercio* de 1 de abril de 1863.

(2) *Idem* de 15 de abril.

dr. José Carlos Lopes Junior, terceiro concorrente á cadeira vaga na Escola Medico-Cirurgica. O ponto, em fisiologia, era *Funções vitais. Morte natural.*

“Na vespera devia fazer prelecção o dr. Gomes Coelho. O ponto saiu-lhe *Respiração*. Ficou ele muito contente por ser um dos que mais lhe agradavam. Mas, apenas começou de estudá-lo, deitou algum sangue pela boca; tanto bastou para o perturbar e inabilitar de estudar o ponto. E’ muito para sentir, porque Gomes Coelho era o rival que mais deviam temer os outros. Modesto, altamente inteligente, é de crer que fosse preferido.”⁽¹⁾

“O snr. José Carlos Lopes foi classificado em primeiro logar no concurso para a cadeira da Escola Medico-Cirurgica. Os outros concorrentes eram os snrs. Miguel A. Cesar de Andrade e Pedro A. Dias. Creio, e assim me informa quem o deve saber, que com menos justiça foram lançadas favas pretas a estes dois cavalheiros, em merito absoluto!!

“Um estabelecimento literario de tanta importancia deve ter por norma de proceder com a mais absoluta justiça. E eu tenho ouvido altamente censurar esta ultima parte da votação como bem pouco leal.”⁽²⁾

Não nos esqueçamos de que foi a referencia de

(1) *Idem* de 22 de abril.

(2) *Jornal do Comercio* de 13 de maio de 1863.

Unable to display this page

Unable to display this page

cordia; quando, porém, o procuramos no arquivo, o officio não appareceu.

Não ha muito que ele nos surgiu e comprehende-se que assim succedesse visto que a informação do nosso inolvidavel mestre não era perfeitamente exacta. O officio não é dirigido á mesa da Misericordia; é endereçado ao governo a respeito de uma queixa desta ácerca da parcialidade com que a Escola apreciara o procedimento dos alunos mais adiantados no rapto de um seu condiscipulo que estava em tratamento num dos quartos particulares do Hospital da Misericordia. O documento é do maior interesse e revela-nos o talento de Gomes Coelho sob um aspecto novo. Perante a audacia de uma corporação que praticara um delicto punivel e se queixava de não ter encontrado no Conselho da Escola um instrumento docil para o seu desejo de vingança de uma pretendida falta de respeito, Gomes Coelho encontra a expressão justa dos melindres da corporação a que pertence e deixa castigada a petulancia da mesa reclamante. Aí publicamos o documento, a que juntamos algumas notas para sua mais perfeita intelligencia:

*Representação enviada ao ministro de Estado dos
Negocios do Reino em 28 de julho de 1868, pelo
director da Escola Medico-Cirurgica do Porto,
Conselheiro Francisco de Assis Sousa Vaz.*

"Il.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Em cumprimento da Portaria expedida pelo Ministerio do Reino com data de 7 do corrente, recebida a 16, o Conselho da Escola Medico-Cirurgica do Porto reuniu-se em congregação no dia 18 para mais uma vez se occupar da deploravel questão levantada pela Mesa da Santa Casa da Misericordia, a proposito dos factos a que aquelle pio estabelecimento, talvez por excesso do fervoroso zelo com que se desempenha da sua humanitaria missão, deu o valor e o colorido de uma calamidade publica. O Conselho da Escola, revendo todos os elementos deste processo, ponderando outra vez, com o mesmo cuidado, com que já o fizera, todas as circumstancias dele constantes, concordou não ter que rectificar na sua primeira resolução; de novo a subscrive e pede a atenção de V. Ex.^a para os fundamentos em que ella foi baseada, certo de que não será encontrado no flagrante delicto de iniquidade, de que a Mesa da Misericordia, tão pouco urbanamente, o accusa. Não desejaria cansar a atenção de V. Ex.^a nem absorver tempo que tão importantes cuidados reclamam, porém, como na representação da Mesa da Santa Casa a Sua Magestade, ha asserções menos verdadeiras e insinuações cavilosas, muito de estranhar em uma corporação grave e piedosa como é aquella, sou obrigado a historiar os factos occorridos, trazendo á luz

alguns que a Misericórdia deixou na sombra, talvez sem proposito, e que eu tambem não queria elucidar, se a isso me não constrangesse o crédito do estabelecimento, que dirijo e que naquela petição aleivosamente se ataca. E desde já declaro a V. Ex.^a que nem da minha parte, nem do Conselho, ha a menor parcialidade para com os alunos implicados nesta questão. Alguns destes tiveram até nas qualificações finais do ano lectivo evidentes provas de que o amor paternal não cega a Escola a ponto de lhe não deixar ver as faltas verdadeiramente escolares e castigá-las como merecem. ⁽¹⁾

O que porém o Conselho não quiz, nem quer, é ser instrumento passivo e inconsciente nas mãos de uma corporação irritada, que até a liberdade da apreciação dos factos parece querer contestar-lhe. Passo a expor a V. Ex.^a o mais sucintamente possivel os acontecimentos na ordem da sua successão. Em principios de maio do corrente ano, quando o Conselho estava occupado nos trabalhos do concurso para dois lugares vagos na Escola, recebi um officio do Mordomo Escrivão da Santa Casa da Misericórdia (doc. n.º 3) ⁽²⁾

⁽¹⁾ Efectivamente no exame de clinica medica houve 2 reprovações e uma aprovação pela maior parte, quando nos 5 anos anteriores todos os alunos haviam ficado aprovados plenamente.

⁽²⁾ Este documento não se encontra no arquivo da Faculdade de Medicina, como a maior parte dos que devem ter acompanhado esta representação.

no qual se pediam providencias disciplinares contra alguns alunos, de quem se dizia no officio, terem violentamente arrebatado do Hospital um doente, tambem estudante, o qual havia tres dias ali estava em tratamento, nos quartos particulares; e juntamente com o facto, narravam-se nesse officio circumstancias agravantes, quais eram: as ameaças e violencias de que os alunos usaram contra os empregados do Hospital, infringindo assim além do art. 8.º e 10.º do Regulamento das Enfermarias da clinica da Escola Medico-Cirurgica (doc. n.º 2). Comquanto esta participação não me viesse pelas vias regulares, e nela o signatario do officio que tão escrupuloso mantenedor se mostra da letra do Regulamento, esquecesse a expressa disposição do § unico do proprio art. 10.º que citava, no qual se estabelece que, sómente por intermedio dos professores de clinica, póde o Conselho tomar conhecimento dessas infracções, não foi isso motivo para eu desatender a reclamação e, logo que mais importantes e improrogaveis trabalhos escolares o permitiram, convoquei o Conselho para que julgasse dos factos, que por essa forma me eram referidos. Reunido efectivamente o Conselho no dia 14 de maio, foi-lhe lido o officio do Mordomo Escrivão e conjuntamente as correspondencias que por parte dos estudantes e do empregado fiscal da Santa Casa já a esse tempo haviam sido publicadas pela imprensa periodica narrando e comentando o facto, e as quais V.

Ex.^a póde encontrar reunidas ao processo (doc. n.º 7 e 8); ⁽¹⁾ o Conselho ouviu ao mesmo tempo alguns professores que visitaram o estudante, que a Misericórdia dava como doente ⁽²⁾, e o secretario da escola, que fôra previamente conferenciar com o escrivão da Santa Casa a procurar esclarecimentos, e que interrogara por minha ordem alguns alunos com o mesmo fim. Na presença das encontradas versões dos factos succedidos, procedentes aliás de origens dignas de credito, o Conselho não se achou competentemente habilitado nesta sessão para se pronunciar sobre a culpabilidade dos alunos, e resolveu por isso proceder a mais regulares e minuciosas investigações. Constando-lhe de mais que, sobre este mesmo facto a Misericórdia instaurara um processo civil, resolveu o Conselho, sem suster o andamento da investigação academica, reservar a comunicação das resoluções, que em virtude dela tomasse, quaisquer que fossem, para depois de concluido o processo judi-

⁽¹⁾ Esses documentos deviam ser um communicado de 14 alunos do 5.º ano e 4 do 4.º narrando os factos do mesmo modo que o fez a representação e publicado no *Nacional* de 10 de maio de 1868; outro do inspector fiscal do Hospital de Santo Antonio Luis José da Cruz Brandão, em que este afirma que foi o aluno do 5.º ano Figueiredo quem mandou levantar o doente Theotonio Pinto Henriques e o aconselhou a que saísse do quarto em que estava, sendo secundado pelo estudante do 4.º ano Henrique Anthero de Sousa Maia, e finalmente um novo communicado do fiscal Cruz Brandão.

⁽²⁾ Os professores José Fructuoso Ayres de Gouveia e Agostinho Antonio do Souto.

cial, não querendo que de maneira alguma as suas decisões divulgadas prevenissem as decisões de outro tribunal a favor ou contra os acusados. Isto mesmo participei ao Mordomo Escrivão da Santa Casa, em officio de 15 de maio, o que vai em copia anexa ao processo (doc. n.º 5). Por esse documento verá já V. Ex.^a que os signatarios da representação faltam á verdade a Sua Magestade, quando afirmam que a Escola resolvera não tomar resolução alguma antes de ultimado o processo judicial. Emquanto á insinuação de que a demora do Conselho a reunir-se fora para dar tempo aos alunos de formularem pela imprensa os seus artigos de defeza, conceda-me V. Ex.^a que não desça a justificar-me dela. Este officio suscitou da parte do mesmo Mordomo Escrivão, representante da Santa Casa, outro (doc. n.º 6), no qual se queixava da resolução do Conselho e em que, negando que a Misericordia tentasse instaurar processo algum judicial, insistia em pedir providencias escolares para castigar os delinquentes e, no excesso do seu zelo, tinha a extrema delicadeza de apontar ao Conselho os artigos das leis academicas, pelas quais ele devia regular-se. Com o officio eram remetidos os autos de investigação, a que se procedera pela administração do 3.º bairro e o requerimento da Meza da Misericordia; mas, dizia o signatario do officio e repetem-no a Sua Magestade na representação todos os membros da Meza, que o fim pelo qual requereram

esse inquerito fôra simplesmente o de esclarecer melhor no seu espirito a verdade dos factos e nunca o intento de o tomar para base de um processo judicial. Ainda aqui foi menos verdadeira para com Sua Magestade a Meza signataria da representação e mais uma vez é desmentida pelos proprios documentos que reuniu ao processo, pois, nas ultimas palavras do requerimento feito pelo escrivão da Misericordia ao Administrador, o qual acompanha os autos (doc. n.º 4) explicitamente se declara que era proposito da Misericordia tomar oportunamente esse depoimento para base de um processo judicial. O que de tudo isto se depreende claramente é que no dia 6, em que teve lugar o conflito e o inquerito administrativo, eram essas as tenções da Misericordia, e que só dois dias depois, no dia 8, data do officio que me foi dirigido, se lembrou de apelar antes para a justiça academica, recuando ante o processo judicial, que empreendera. Dir-se-ia que a luz deste genero de justiça era excessiva para os intentos da Santa Casa; convinha-lhe mais a meia luz de um modesto processo escolar que deixasse na sombra alguns pontos, os quais nem sempre é conveniente esclarecer demasiado. No entanto instaurou o reclamado processo academico, segundo as praxes observadas na Escola, que não são absolutamente as de um rigoroso processo judicial. Compareceram na minha presença, como V. Ex.ª verá do documento n.º 1, 1.º o aluno Theotonio Pinto

Henriques, por causa de quem se originara o conflicto. ⁽¹⁾ Era indispensavel por muitos motivos, o depoimento deste. 2.º os dos alunos Figueiredo e Maia, unicos nomeadamente designados pela Misericordia ⁽²⁾ como fautores do atentado; eram os supostos reus, não se podia deixar de ouvi-los. Finalmente mais tres testemunhas oculares do facto, escolhidas entre os estudantes, que os seus precedentes escolares faziam dignos de credito. Lavrado o depoimento destes, convoquei novamente o Conselho para que formulasse a sua definitiva resolução. A congregação teve lugar no dia 21 de maio, e depois de maduro exame e discussão ⁽³⁾ o Conselho acordou em que não havia base para applicação das penas disciplinares; a

⁽¹⁾ Theotónio Pinto Henriques, que frequentava o 5.º ano, ficou nesse anno de 1868 reprovado em clinica medica e só em 1873 pôde defender tese que se intitulou *Fleumão difuso do couro cabeludo*, ficando aprovado *simpliciter*.

⁽²⁾ O primeiro destes alunos era Antonio Augusto Cardoso de Figueiredo que defendeu tese nesse mesmo anno, ficando aprovado plenamente. Intitulava-se *Considerações sobre as applicações chirurgicas do alcool quando auxiliadas pela rarefação do ar*. O segundo era Henrique Anthero de Sousa Maia, aluno do 4.º anno, que defendeu tese no anno immediato ficando tambem aprovado plenamente. Intitula-se *Das cicatrizes viciosas*.

⁽³⁾ Na acta da sessão do Conselho escolar de 21 de maio lê-se que o Conselho achando-se habilitado para formular a sua opinião, resolveu depois do exame comparado dumas e outras testemunhas e dos artigos que publicaram pela imprensa alguns alunos e empregados da Santa Casa que nas condições em que se passou o facto não havia fundamentos para formar processo academico.

Misericórdia viu nesta resolução uma iniquidade e proposito manifesto de proteger os alunos e de desconsiderar a ela e reclamou a Sua Magestade contra a decisão do Conselho. Cumpre-me agora, obedecendo a V. Ex.^a, comentar os argumentos dessa representação. A Misericórdia principia por taxar de parcial e mal intencionado o Conselho, e vê disso provas: na demora que teve em dar principio ao processo academico, na natureza das testemunhas ouvidas pela escola e dos documentos em que foi baseada a resolução escolar. Em relação á demora, V. Ex.^a sabe que o serviço da escola não pode, sem grave inconveniente, ser a todo o momento interrompido para fins alheios a esse serviço e muito mais em um ano, em que o longo processo de dois concursos já tinha cerceado uma parte tão importante do tempo lectivo. De mais, o Mordomo-Escrivão da Santa Casa, melhor do que ninguém pode saber que este intervalo não foi perdido para averiguações, porquanto, em nome do Conselho, fôra o Secretario da Escola conferenciar com o dito escrivão e na presença dele assistira até ás interrogações feitas a uma ajudante de enfermaria, que não depoz no processo. Emquanto á queixa de que o Conselho fôra parcial em ouvir sómente o depoimento dos estudantes, permita-me V. Ex.^a que a ache sobre maneira graciosa. Pois quem facultou ao Conselho da Escola, ou a mim, em seu nome, a autorização de citar para depôr na minha presença, outras quaisquer

testemunhas que não sejam estudantes? Além de que, acaso não tinha a Misericórdia prevenido essa falta inevitavel, enviando-nos o depoimento dos seus empregados? Não fez o Conselho tambem obra por ele? A' Misericórdia é que era licito extranhar o ter ouvido só os seus subalternos, quando a movia o leal intento de esclarecer a verdade dos factos e quando resignou nas mãos da autoridade, a quem era livre citar quem quizesse, a faculdade de interrogar as testemunhas. Mas a Misericórdia, por certo para evitar confusões capazes de perturbarem o espirito, que desejava esclarecer, limitou-se a pedir ao administrador que interrogasse os empregados do Hospital, isto é aquelles, que o escrivão já minuciosamente interrogava, na *rigorosa sindicancia* a que na representação se diz haver ele procedido. O processo, se não é mais equitativo, é inquestionavelmente mais simples. E a prova é a notavel clareza do depoimento de algumas testemunhas, que quasi depuzeram pelas palavras do Mordomo-Escrivão, nos seus diferentes officios.

Mas a Meza signataria da representação insiste na parcialidade do Conselho, por isso que, diz ela, os estudantes que interrogou eram todos culpados. Mas em tres deles não se fala nas queixas da Misericórdia; como havia o Conselho de saber que eram culpados e como conhecer quais os inocentes? Repare V. Ex.^a até onde as exigencias dos escrúpulos da Santa Casa levariam o Conselho, como tribunal. Como para

ela a demora dos estudantes no atrio, depois de terminar a visita dos clinicos, é já um delicto, e portanto um dos fundamentos da queixa, segue-se que eram culpados e suspeitos todos os que ali ficaram. Ora, tendo o conflicto tido lugar nesse atrio, quem havia o Conselho de ouvir, como testemunhas fidedignas? os que nada tinham presenciado, porque só esses eram os insuspeitos e inocentes. Que preciosos esclarecimentos se perderam, deixando de seguir o luminoso alvitre da Santa Casa! E' extraordinaria a ingenuidade daquela arguição. Assegurar a Meza que a Escola desatendeu os documentos fornecidos por ela e que assentou as suas resoluções simplesmente sobre o depoimento e correspondencias dos alunos, é mais outra vez faltar á verdade a Sua Magestade; por quanto basta lançar os olhos para o termo da resolução escolar, junto á representação, como doc. n.º 1, para vêr clara a falsidade da arguição que a Misericordia formulou com censuravel leviandade, para não dizer má fé.

Queria mais a Misericordia que o Conselho não puzesse em duvida as alegações do seu Escrivão, ao qual parece que um Alvará de 1500 dá fé publica em negocios atinentes áquele estabelecimento. Longe do espirito do Conselho desacatar tão venerando Alvará; mas, infelizmente para a simplificação da tarefa que nos competia, o escrivão, como a propria Meza declara, não foi testemunha do conflito, limitou-se a

sindicar e a referir o que da sua sindicancia colhera; portanto o Alvará do principio do seculo XVI apenas nos obriga a acreditar que o escrivão refere o que ouviu; mas a fé de que S. S.^a goza não pode ter tanto alcance, que obrigue a supor verdadeiros os factos, só porque simplesmente os narra por ouvir dizer.

Por isso, e apesar do Alvará, o Conselho suspeitou no principio e acreditou depois, que os subalternos do hospital haviam mascarado um pouco a verdade no depoimento que fizeram a S. S.^a. Dissipado assim o cunho de descredito que a Meza da Misericordia tentou *ab initio* imprimir nas resoluções escolares, continuarei a segui-la nos seus argumentos. Dos tres artigos de accusação formulados pela Misericordia contra os alunos ha um capital, podendo os outros considerar-se circumstancias agravantes d'este. O facto capital, o atentado inaudito que, no dizer da Misericordia, podia trazer comsigo uma *conflagração geral e sanguinolenta*, foi o do arrebatamento forçado de um doente que estava em tratamento no hospital. Mas, analisado de perto, o atentado perde muito das proporções estupendas, que os mezarios da Santa Casa lhe dão. Fala-se no rapto violento de um doente, e reconhece-se que nem houve rapto, nem havia doente.

Foi o que o Conselho ponderou, depois de atender a provas importantes, mas a Meza clama que não compete ao Conselho investigar este facto. Continuam a ser singulares os preceitos logicos daquela corporação!

Pois quer-se obrigar o Conselho a castigar um certo delicto e, quando ele discute se efectivamente o delicto se deu, dizem-lhe que essa questão deve-lhe ser alheia! Que papel queria a Misericórdia que representasse a Escola? O de juiz que investiga os factos antes de formular a sentença? Não, talhara ao Conselho mais modesto papel, o de simples executor das altas justiças da Meza. O Conselho, ao formular a sua resolução, tocou levemente neste ponto em atenção aos bons creditos da Santa Casa, que não podem lucrar muito com a minuciosa exposição dos factos. Agora, porém, corre-me a obrigação, bem a meu pesar, de ser mais explicito. O doente, de que se trata, em toda esta questão, é o estudante do 5.º ano da Escola, Theotonio Pinto Henriques, aspirante a facultativo do Ultramar, sobrinho do então Mordomo do hospital, Francisco Pinto Henriques, e parece que em pouca harmonia com o seu parente, por questões domesticas. Como V. Ex.^a pode ver pelo depoimento dos alunos e pelo da 3.ª testemunha que depoz nos autos, a que se procedeu pela Administração, o facultativo interno do hospital, Pimentel, ⁽¹⁾ este aluno entretinha relações com uma rapariga, por nome Beatriz, então existente em tratamento na enfermaria do Senhor de Matosinhos. V. Ex.^a pode já perceber a razão porque o Conselho não desejava insis-

(1) Fortunato Augusto Pimentel.



Fortunato Augusto Pimentel

AMPLIAÇÃO DE UMA FOTOGRAFIA



tir nesta face, aliás capital, da questão. O aluno Theotónio Pinto Henriques era frequentemente encontrado naquela enfermaria a qualquer hora do dia sem que ninguém da Misericórdia se lembrasse de lhe o impedir. como cumpria á disciplina e decore daquella Casa, que tão zelosa se mostra, na representação, da sua dignidade. Longe, porém, de pôr termo a este facto, já maliciosamente comentado por estudantes e empregados subalternos do hospital, os mordomos permitiam que este aluno ficasse muitas ocasiões fazendo as vezes de um dos facultativos internos e portanto com plenos poderes de penetrar a todo o momento na enfermaria. Em geral, a Misericórdia não se opõe a estas substituições dos seus facultativos por alunos do 5.º ano e talvez que nos registros dos seus receituários se encontrem até prescrições, assinadas por alguns deles. Com o aluno Theotónio dava-se de mais a circumstancia de ser parente dum dos mordomos, o que talvez lhe valesse maiores complacencias. Estas relações do estudante com a doente da enfermaria de Matosinhos continuaram e trouxeram como consequencia a comedia de um envenenamento que ele, julgo que para mover a piedade da rapariga, que parecia pouco disposta a acompanhá-lo ao Ultramar, como ele lhe propunha, declarou haver perpetrado. Parece, porém, que á excepção da rapariga e de algumas enfermeiras que lhe ouviram a declaração, ninguém tomou a serio a

comedia, e a 3.^a testemunha, o facultativo Pimentel, que circunstanciadamente se refere a este facto, declarou que a ele proprio dissera o estudante que tal envenenamento não existia.

Querendo o aluno mais tarde voltar á enfermaria a ver a doente, encontrou opposição da parte do fiscal, que exigiu desta vez uma autorização do tio para o deixar entrar, em vista do que ele foi pedir essa autorização. Dizem que na presença deste seu parente fizera de novo a declaração de que se envenenara e que até, a pedido dele, a fizera por escrito. O que é certo é que no fim da tarde desse dia entrou o aluno no hospital, como doente. A requisição de quem? Segundo o depoimento dele, foi levado ahi ao engano e julgando que ia visitar a doente, com quem tinha relações, como lhe prometeram, sendo violentamente arrastado depois por empregados da casa e, apesar dos seus protestos, encerrado á chave. Da parte da Misericórdia não ha grandes esclarecimentos a esse respeito. Apenas a primeira testemunha fala vagamente neste ponto, e a terceira, o facultativo Pimentel, não absolutamente de acordo com esta, refere uma conferencia do mordomo, tio do aluno, com o fiscal e ter o estudante Theotonio sido acompanhado ao Hospital pelo seu parente Alves, tambem facultativo. ⁽¹⁾

(1) Não pudemos averiguar quem fosse.

Este ponto, porém, fica sempre obscuro nos depoimentos, officios e representações promovidas pela Misericordia, e comtudo tão essencial me parece que ultimamente officiei ao Provedor-pedindo-lhe esclarecimentos a tal respeito. Remeto a copia deste officio e a resposta, e por ela verá V. Ex.^a que o Provedor satisfiz só á primeira parte do meu pedido, enviando-me a copia da tabela, que nada ilucida, visto que nem o suposto diagnostico está nela exarado, apesar de tres dias de observação, mas emquanto aos esclarecimentos pedidos a respeito da maneira como este ultimo foi recebido como doente particular, nem uma palavra se diz, o que confirma a minha asserção de que a Misericordia deixa sempre obscuro este ponto da questão em todos os seus documentos. O que é evidente é que dos depoimentos dos facultativos se depreende que nenhum deles acreditou que o estudante Theotonio estivesse envenenado, nem com doença de gravidade; e não obstante durante dias o conservaram encerrado num quarto sem que o deixassem sair, nem para ir ás aulas, que eram no mesmo edificio! não escutando os pedidos do aluno, cujo estado moral estavam prejudicando, e com ele a sua carreira scientifica! Não é facil a explicação da insistencia da Misericordia em reter um individuo maior, emancipado, em pleno gozo dos seus direitos civis, pertencendo já ao quadro do Ultramar e que os facultativos não consideram doente, ou pelo menos

com incomodo que justifique estas medidas rigorosas.

Se é caridade, é a tal extremo levada, que chega a parecer perseguição. Para provar a V. Ex.^a que não estou a fazer insinuações sem fundamento, reuno a este processo o requerimento, que o referido aluno fez ao Conselho da Escola, para que lhe fossem abonadas as faltas que dera nas aulas desde o dia 3 até ao dia 6, por isso que fôra retido contra vontade, a titulo de doente, sem o estar, num quarto particular da Misericordia (doc. n.º 9). O Conselho não despachou este requerimento por exceder ás suas prerogativas o que dele o suplicante pedia.

Havia em todo o caso ali o indício de um atentado contra a liberdade individual e para extranhar é que a vista perpicaz da autoridade administrativa, á qual parece ter sido levada queixa do facto, não penetrasse mais longe no exame deste lado da questão.

Foi nestas circumstancias que se deu o facto que a Meza classifica de rapto violento. O aluno conseguiu queixar-se a alguns condiscipulos. Estes, vendo que ele estava ali contra vontade, não reconhecendo em ninguem o direito de exercer sobre um homem emancipado aquella violencia, disseram-lhe que era impossivel que lhe impedissem a saida e convidaram-no a que os acompanhasse á enfermaria de clinica, o que ele fez efectivamente sem ninguem lho estorvar. Depois da visita de clinica cirurgica, preparou-se para

Unable to display this page

Theotonio saiu do Hospital é de modos muito diversos contada. A Misericórdia queixou-se de que ele foi violentamente arrebatado; mas, do depoimento das suas próprias testemunhas, vê-se que o fiscal, depois duma discussão com os estudantes, acabou por dar ordem para ele sair. Quaisquer que fossem as razões que a isso movessem aquele empregado, o que é certo é que, desde que ele deu ordem, não podia haver o rapto violento de que se queixa a Misericórdia. Os alunos vão mais longe e afirmam que na presença das resistencias do fiscal haviam resolvido recorrer á autoridade administrativa, declarando-lhe que nos quartos da Misericórdia era retido em reclusão forçada um individuo maior, emancipado e militar, e que já saíam com esse intento, quando se lhe juntou o estudante Theotonio, declarando-lhes que o fiscal lhe permitira que saísse, voltaram eles atraz insistindo para que continuassem a reter o aluno, até que a autoridade o viesse soltar, e então o fiscal dissera que o estudante Theotonio podia ir com eles, porque havia ordem para lhe facultar saída. Onde está aqui o rapto? Emquanto ás ameaças e injurias, a mesma discordancia; a Misericórdia só fala em admoestações e praticas cortezes da parte dos seus empregados; os alunos queixam-se de actos violentos de alguns empregados subalternos e nomeadamente do dispenseiro Sousa, que aos empurrões e com palavras asperas levou o Theotonio para a Secretaria, provocando assim os

alunos seus condiscipulos, que protestaram indignados, sem que comtudo chegassem aos excessos, de que a Santa Casa os acusa nem tornassem iminente a *geral conflagração*, que ela sonhou. Na presença destas versões tão contraditorias, o Conselho não podia castigar sem abuso de autoridade.

E para lamentar é que a Misericordia não seguisse o processo judicial, que ao principio emprehendera e para o qual os estudantes acusados a provocaram nas suas correspondencias; pois só aos juizes estão conferidos poderes para em casos obscuros, como este, instaurar devassas gerais, que possam elucidar os factos. A mim e ao Conselho não era possível faze-lo. Verdade é que as testemunhas da Misericordia foram ajuramentadas; mas o exame atento do depoimento de algumas leva-nos a crer que se não o proposito, alguma outra influencia lhe desviou por vezes a vista do caminho recto da verdade. Apontarei um exemplo. Já disse a V. Ex.^a que o Conselho da Escola não atendeu o requerimento do estudante Theotonio a pedir que lhe fossem abonadas as faltas, no tempo em que estivera retido no Hospital. O aluno, que tinha fundadas apreensões sobre o seu credito como estudante, desejando a todo o custo abonar as faltas, recorreu ao facultativo Pimentel, o mesmo que no Hospital principiou o tratamento (3.^a testemunha), e este não duvidou passar-lhe uma officiosa certidão de doença em completa

discordia com o depoimento que fizera. A Escola remete junto ao processo este documento para que V. Ex.^a julgue do valor dos depoimentos, em que a Misericórdia tanto insiste. Poderia ainda analisar comparativamente os dizeres encontrados daquelas testemunhas, mas não insisto, receiando ter já cansado a atenção de V. Ex.^a

Resumindo, o Conselho viu que eram contra os alunos architectados imaginaveis delitos, que se transformaram em artigos de accusação, factos já sancionados pelo uso e pela tolerancia da Misericórdia, que se tentou levar a questão para o campo judicial, mas que depois prudentemente lhe desviaram a direcção, recorrendo antes ao Conselho escolar, querendo que ele desse á Misericórdia uma satisfação, depois da qual ela podesse fazer de generosa e concedesse aos alunos um perdão, que eles lhe não pediam.

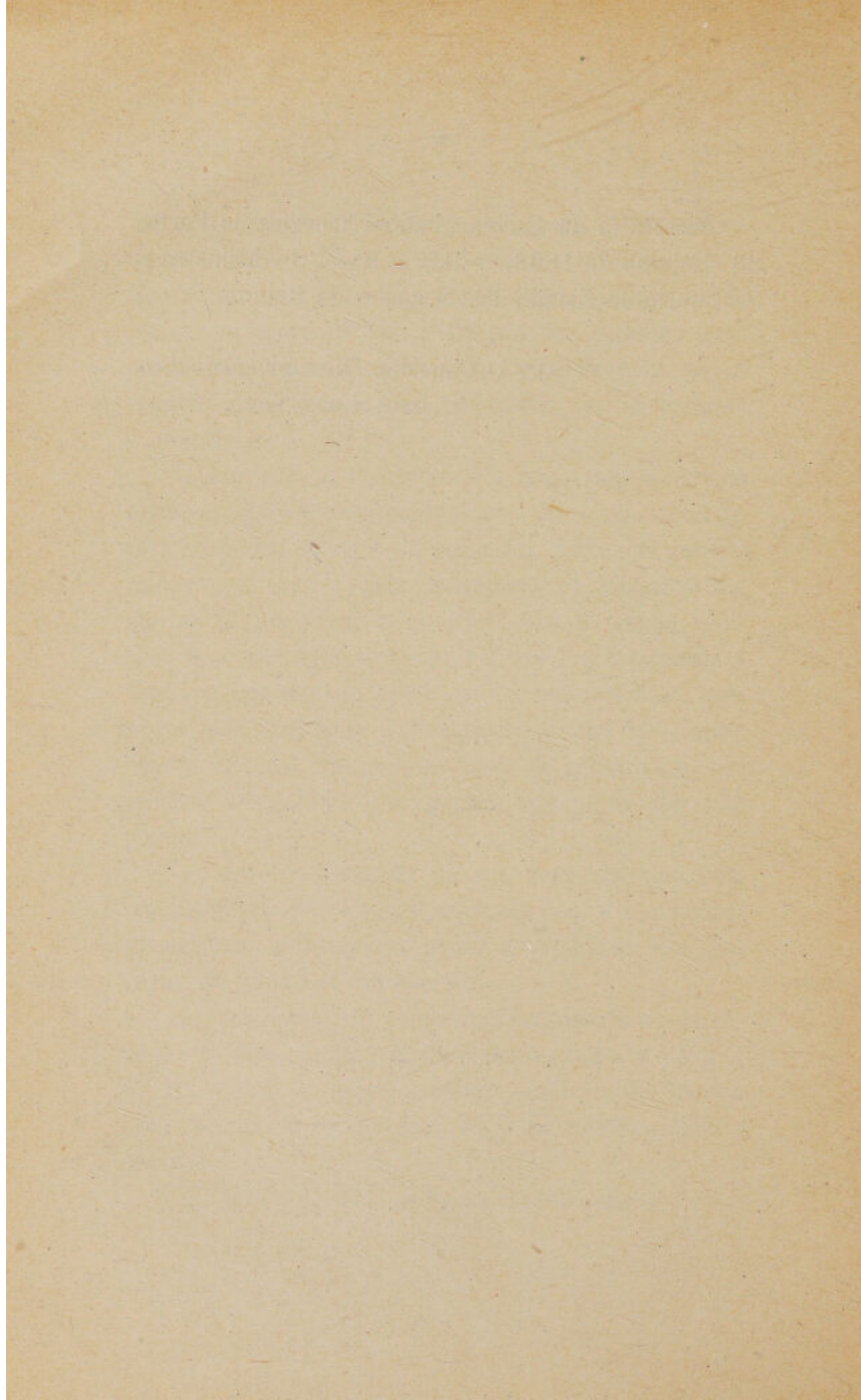
O Conselho abusaria da sua autoridade se, nestas circumstancias e por comprazer com a implacavel corporação, applicasse as penas academicas, sem que para isso houvesse fundamento.

Eu, em nome do Conselho, terminarei associando-me á Meza signataria da representação, a pedir a V. Ex.^a que se digne mandar sindicar dos factos para reconhecer de que lado ha mais motivos para a censura.

Deus Guarde a Vossa Excelencia

Secretaria da Escola Medico-Cirurgica do Porto,
28 de julho de 1868. — Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e
Secretario do Estado dos Negocios do Reino.

(a) O Conselho Director, *Francisco*
de Assis Souza Vaz,.



III

A primeira viagem de Gomes Coelho á Madeira. — Quem a decidiu: o Dr. Carlos May Figueira. — A viagem; os primeiros tempos na ilha: o dr. Pitta. — Companheiros de viagem: o barão de Castello de Paiva.

Em principios de 1869. Gomes Coelho achava-se em Lisboa. Em 10 de fevereiro dizia ao seu amigo Custodio Passos que estava naquela cidade havia quasi oito dias. Albergava-se na Rua Direita da Graça, á Cruz dos 4 Caminhos, n.º 15, e ácerca da sua doença informava: "Não sei se estou melhor, julgo que, por emquanto, pouca differença faz o meu estado physico do que era ahi. Como, porém, os novos habitos de vida me teem constrangido o espirito a desviar-se da direcção em que, ahi, tudo o encaminhava, sinto menos apreensões ordinariamente, e estou mais disposto a aguardar os factos á proporção e medida que elles succederem." (¹)

Gomes Coelho levava do Porto a ideia de passar algum tempo no Lumiar ou em Bemfica. José Fru-

(¹) *Ineditos e esparcos*, pag. 395.

ctuosos Ayres de Gouveia Osorio aconselhava uma estada em Setubal que ele aceitava de bom grado. Mas os dias passavam num certo grau de irritabilidade nervosa que ele comparava á impressão que causaria uma biblioteca em que o fechassem, toda composta de livros em lingua desconhecida. Esta irritação manifestara-se numa conversa com Tomás de Carvalho a respeito dos escritores Camilo Castelo Branco e Ramalho Ortigão. Gomes Coelho conhecia Tomás de Carvalho desde que no ano anterior tinha ido assistir incognito á representação das *Pupilas do senhor reitor* extraídas do romance por Ernesto Bies-ter. A respeito das relações entre os dois professores encontram-se estas referencias na correspondencia de Gomes Coelho com Custodio Passos:

“Pelos jornaes de 10 reis deves já saber o que se passou na noite da primeira representação das “Pupillas,” áparte algumas particularidades que depois te contarei.

Andei, como imaginas, mettido numa dança curiosissima.

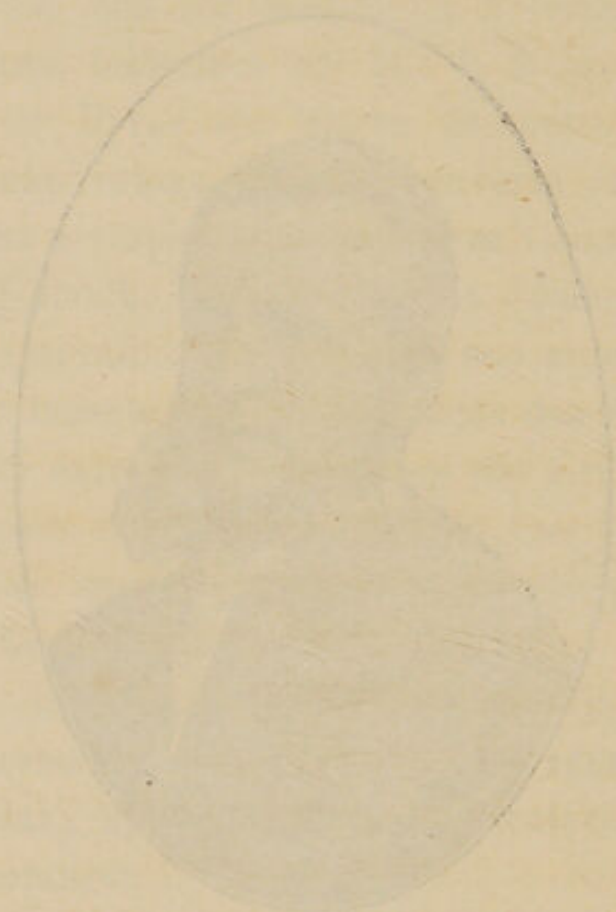
Na segunda-feira, dia da recepção em casa do Mendes Leal, era esperado por este que fizera convites especiais, allegando a minha apresentação, como o facto principal da noite.

Fui para o Theatro francez, onde vi os convidados diplomaticamente vestidos de casaca e collete branco.



Dr. José Frutuoso Aires de Gouveia Osorio

DE UMA FOTOGRAFIA



Unable to display this page

Lisboa, 28 de fevereiro de de 1869.

“Meu Passos:

Escrevo-te porque tenho que te communicar. Dizias-me tu na tua carta, que recebi hontem, que desejavas que eu sahisse de Lisboa; pois bem, hontem mesmo escrevia eu á minha familia, dizendo-lhe que estava resolvido a faze-lo. E sabes para onde vou? Deixemo-nos de Setubal ou de Abrantes, visto que me resolvi a expatriar-me (perdoe-me o Porto o não ter experimentado ainda as tristezas do exilio), faço um sacrificio um pouco maior, imprimo á minha irresolução um solavanco de maior força e vou para a Madeira. Isto não é motivado por aggravação do incommodo, pelo contrario, acho-me melhor e o dr. May Figueira, que me examinou, foi em tudo de accordo com os collegas d’ahi. Foi elle porém o que me convenceu de que pouco lucrava com estar em Lisboa e que, visto que procurava ares mais salutaras, fosse para a Madeira.

“A ideia figurou-se-me ao principio uma aventesma; depois principiei a voltal-a de todos os lados, a ponderar tudo que se me suggere, e acabei por me convencer que o passo era naturalissimo e racional.

.

“Antipathiso um pouco com a ideia de uma viagem maritima, porém o May disse-me que o mesmo



Dr. Carlos May Figueira

DE UMA FOTOGRAFIA



abalo do enjôo me era util. Estou pois quasi decidido. Sexta-feira parte o paquete. Talvez que de hoje a oito dias já eu vá — “longe, por esse azul dos vastos mares, na solidão melancholica das aguas,” — se bem me lembro ainda dos versos de Garrett.”

Partiu effectivamente. Em 5 de março diz ao mesmo Custodio Passos: “Quando receberes esta já eu irei por sobre as ondas aturdido e enjoado.” E enquanto vai proseguindo na viagem saibamos quem era o medico que tanto influiu na sua resolução. Servir-nos-ha de guia um excelente artigo biographico do distinto professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, o sr. dr. A. Celestino da Costa.

Carlos May Figueira, filho segundo do administrador da Casa Palmela, Sebastião Antonio Figueira, nasceu em Lisboa a 29 de setembro de 1829. De muito novo, formava tenção de ser medico e o pai, que se envaidecia da precoce intelligencia do filho, enviava-o para Coimbra cujo ensino tinha, na epoca, fama superior ao das Escolas Medicos-Cirurgicas. Na cidade banhada pelo Mondego fez o moço estudante um curso brilhante, alcançando as mais altas classificações, excepto nos anos de 51 e 52 em que o governo da Regeneração concedeu perdão de acto geral.

Aproveitou as ferias para aprender clinica em Lisboa e as enfermarias em que trabalhavam Francisco Barral e Alvarenga viam-no assiduo, estudando

os doentes, redigindo observações, não perdendo uma autopsia, seguindo de perto os trabalhos de Alvarenga que ao tempo estudava as lesões valvulares do coração. Terminadas as férias, voltava a Coimbra, a estudar as lições que devia recitar aos lentes, preparando os exames e indagando, sempre curioso, tudo quanto interessava às Sciencias medicas e naturaes.

Ensinava então Fisiologia na Faculdade Jeronimo José de Mello que dispunha de um microscopio de Fraunhofer com o qual fizera as suas observações nem sempre exactas e contra as quaes se revoltava o discipulo que já adquirira um microscopio e se ensaiava na sua tecnica.

Concluido o curso, não faltaram convites incitantes ao aluno laureado para entrar no corpo docente universitario, mas ele recusou-se, preferindo doutorar-se no estrangeiro.

Passou em Bruxelas o rigoroso inverno de 1855 preparando os seus exames, dissecando, praticando com o barão de Scutin os seus aparelhos amidonados. Obtido o doutoramento com distincção, seguiu para Paris, onde estudou com Trousseau, aprendeu a manejar o microscopio e iniciou-se na pratica do oftalmoscopio que Desmarres vulgarizava nessa epoca.

May Figueira inscreveu-se no curso de Charles Robin que trabalhava no Collegio de França, onde então ensinava Claude Bernard e Brown Sequard experimentava sobre a epilepsia das cobaias.

De Paris seguiu para Londres, mas aí pouco tempo se demorou. Sabendo que a colera apparecera em Lisboa, para aqui partiu e tomou parte na sua defeza. Mal ella diminuiu, surgiu a febre amarela e nos hospitais construidos para seu tratamento: Campo de Santa Clara (colera) e Desterro (febre amarela) trabalhou assiduamente. Em artigo publicado na *Gazeta Medica de Lisboa* descreveu o oftalmoscopio e contribuiu para vulgarizar este instrumento desconhecido então entre nós. O estudo que fizera da febre amarela permitira-lhe reconhecer a sua anatomia patologica e sobretudo as suas lesões hepaticas.

Em principio de 1859, com 30 annos incompletos, entrava no corpo docente da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, com os drs. Cunha Vianna e Bettencourt Pitta, que tinham feito concurso com elle. A principio regiu anatomia, mas logo ao fim do anno era provido na cadeira de clinica medica de cujo ensino afirma o prof. Celestino da Costa que foi o verdadeiro criador, devendo a sua incontestavel superioridade a conhecer perfeitamente os recursos laboratoriais do tempo. Diz ainda o illustre professor: "Os seus alumnos foram industriados a trabalhar com o oftalmoscopio, mais tarde com o larigoscopio; fazia-os tambem aprender a tecnica microscopica e as diversas analyses clinicas, principalmente as de urina. Dava-

lhes assim uma educação semiologica e clinica integraes, como não se tornou mais a fazer depois dele,,.

A' gloria de ter elevado o ensino da clinica medica a tal altura, juntou May Figueira a de ter sido o iniciador dos estudos histologicos e anatomo-patologicos, mas o meio recebeu hostilmente esta novidade e a um amigo que consultava o prof. Arnaud sobre o que era este novo professor, May Figueira, respondia aquelle: "Não trabalha mal com os instrumentos de latão,,.

Ele não se descoroçoou, mas tambem se não calaram os que se riam. Em 1862 teve a singular curiosidade de indagar a razão porque se apresentava tão verde uma caverna pulmonar que encontrara num cadaver autopsiado. E, descoberto o descrito o *aspergillus glaucus*, não faltou quem superiormente decidisse da inutilidade de tais pesquisas e achados.

Extremamente dedicado ao ensino, sempre que surgia um novo metodo de diagnostico ou de terapeutica ensaiava-o imediatamente e se se convencia das suas vantagens vulgarizava-o. Assim sucedeu em 1867 com as injeccões hipodermicas e anos depois com a toracentese por aspiração, inventando mesmo uma nova forma de trocarre curvo.

Nada ao dominio das sciencias medicas o deixava indiferente e desatento. Assim, em 1864, estudou com cuidado e publicou a observação de um caso

de hermafroditismo masculino, o celebre caso de Bernardina de Senna, cujas preparações ainda hoje existem na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Nas suas frequentes viagens, porque era na epoca um dos raros clinicos que viajavam, conhecia bem as escolas e hospitais estrangeiros. Assim, colheu elementos para as reformas que por sua iniciativa e sob a sua direcção foram introduzidas nas clinicas escolares. Não lhe custaram poucas canceiras e dissabores e as discussões a que deram logar ainda encontraram eco na famosa questão dos hospitais de Lisboa, ventilada em 1872 na Sociedade das Sciencias medicas.

Em 1863 realizou na Escola Medico-Cirurgica um curso livre de Microscopia. A ele assistiram estudantes e professores de outras escolas, entre eles Costa Simões de Coimbra. No ano seguinte repetiu o curso, mas criou-se-lhe uma atmosfera tão desfavoravel que May Figueira ficou-se por aí e limitou-se a ensinar os seus alunos de clinica.

Apesar desta hostilidade, May Figueira ia-se tornando clinico de nomeada e em 1867 foi nomeado medico da Casa Real, o que não afroixou em coisa alguma o seu zelo pelo ensino. "Gostava de contar, diz o sr. prof. Celestino da Costa, que desde o principio antepuzera sempre ao serviço do Paço o da Escola e que nunca aquele lhe fez faltar á aula, a não

ser em circumstancias extraordinarias. Foi de certo uma delas a que se deu a 19 de maio de 1870.

“O prof. May Figueira contou-me muitas vezes o que ele viu da *saldanhada*: a surpresa da madrugada, o alvoroço no Paço, o rei D. Luiz chegando á janela sem querer acreditar no que via e ouvia e só se convencendo que aquilo era mais do que uma *tolice do marechal* á vista do sangue, á improvisação dos serviços clinicos aos pobres soldados feridos — e mortos — pelas balas dos revoltosos, e depois, numa ante-camara, o encontro com o Marechal Saldanha que sentado numa cadeira lhe disse com ar cansado: “oh! May Figueira, cá estou mais uma vez para salvar este Senhor!.”

May Figueira adquiriu rapidamente um lugar preponderante entre os seus colegas da Real Camara e inspirou absoluta confiança ao Rei e á Rainha, a que ele correspondia com extrema dedicação.

A situação preponderante de que gosava atraiu-lhe invejas e malquerenças. Em 1875 foi asperamente criticado por causa da internação em Rilhafoles de um alienado, o celebre caso Lupi, em que a imprensa de Lisboa tomou partido contra o medico.

Felizmente para ele, o procedimento ulterior do desgraçado não deixou duvidas sobre a exactidão do diagnostico e foi feita justiça a May Figueira.

Em 1879 completou 20 anos de serviço no professorado e as leis do tempo favoreciam muito a apo-

sentação dos professores, sendo muito poucos os que se não aproveitaram desta concessão. May Figueira ainda pensou em continuar no ensino, mas os dissabores e os desgostos acabaram por resolver-o. O caso da Pharmacopeia acabou de vez com hesitações.

May Figueira fez parte da comissão presidida por Bernardino Antonio Gomes que de 1871 a 1876 elaborou a primeira Pharmacopeia Portugueza. Foi incansavel o trabalho da comissão. Terminado ele, o governo portuguez recompensou o presidente que era agora Cunha Vianna, por ter fallecido Bernardino Gomes, com a carta do conselho e os demais dando-lhes 5 exemplares brochados a cada um. May Figueira, que sabia que a Inglaterra gratificara com milhares de libras o trabalho da comissão que actualizara a *Pharmacopeia britanica* e achou o contraste verdadeiramente brutal, prometeu a si mesmo não mais trabalhar para o governo e jubilou-se, guardando apenas de encargos officiaes o logar de medico dos hospitaes fazendo serviço em Rilhafoles. Esse mesmo abandonou em 1892.

Em 1900 fez May Figueira as suas ultimas viagens ao estrangeiro. De regresso a Lisboa, foi abandonando as suas occupações: primeiro a clinica, depois a fotografia de que fora notavel cultor. Repetidas operações que sofreu encontraram-no, porém, sempre admiravel de resistencia fisica; mas os anos iam-no encontrando cada vez mais abalado e a doença ia

fazendo lenta mas eficazmente a sua obra. Uma dolorosa agonia poz termo ao martirio daquele medico que tanto honrara a sua profissão e o ensino. Faleceu, com 84 anos incompletos, a 28 de maio de 1913.

Agora que sabemos quem era o medico que tanto influu na decisão de Gomes Coelho partir para a Madeira, narremos o que pudemos apurar dessa primeira residencia na formosa ilha. Em 19 de março de 1869 escrevia ao seu amigo Custodio Passos: "A viagem foi excelente na opinião de todos quantos vinham a bordo; ao que eu sómente observo: — Que faria se fosse má!! — Decididamente o mar não é o meu elemento; perdoem-me os navegadores, nossos avós.,

Do seu estado de saude informava-o: "Como, bebo e se ainda não estou livre da tosse, sinto-me mais forte e bem disposto. Nos dois mezes que tenho ainda para me demorar aqui, espero restabelecer-me.,

Poucos dias depois, em carta a seu primo José Joaquim Pinto Coelho, dizia:

"Eu vou vivendo. Estes ultimos dias um pouco encatarrado, graças a um exame que me quiz fazer o Dr. Pitta e que me obrigou a estar despido alguns quartos de hora. Esta medicina é uma coisa tão doentia!

“Afinal disse o mesmo que os outros: Pomadas, fricções, oleo e inverno na Madeira.” (1)

Este medico devia ser o dr. Antonio da Luz Pitta que ao tempo era Director da Escola Medico-Cirurgica do Funchal. Nasceu na Vila da Ponta do Sol a 2 de setembro de 1802. Fez os seus estudos nas universidades de Montpellier e Paris, obtendo na primeira o diploma de bacharel em letras em 9 de Setembro de 1826, e de bacharel em sciencias fisicas em 21 de abril de 1827 e o de doutor em medicina em 7 de dezembro de 1830; e na segunda o diploma de doutor em cirurgia datado de 12 de agosto de 1831. Habilitou-se para exercer a clinica em Portugal com diploma de 19 de abril de 1836.

Era membro da Sociedade Cirurgica de Emulação de Montpellier, membro do Conselho Medico e da Sociedade de Historia Natural da mesma cidade e socio fundador da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, tendo o respectivo diploma a data de 28 de julho de 1836.

Desempenhou grande numero de cargos e comissões de serviço publico, e assim foi na Ilha da Madeira Delegado do Cirurgião-mór do reino, por provisão regia de 4 de junho de 1835, até ser extinto aquele logar. Foi Provedor de saude, nomeado interinamente em 23 de fevereiro de 1847, e confir-

(1) *Ineditos e esparços*, pag. 305.

mado por decreto de 4 de março do mesmo ano. Foi Delegado do Conselho de saúde pública do Reino desde 24 de junho de 1846 e confirmado por diploma do Ministerio do Reino de 23 de junho de 1861. Foi professor da segunda cadeira da Escola Medico-Cirurgica do Funchal e Director do mesmo estabelecimento e como tal presidente do Conselho Escolar. Foi medico e cirurgião efectivo do hospital da princeza D. Maria Amelia desde 1853. Foi successivamente por eleição popular Presidente da camara municipal do Funchal, Membro da Junta Geral e do Conselho do mesmo districto; deputado ás cortes em 1852, reeleito em 1853, e desempenhou o mandato até 1857.

Possuia algumas condecorações honorificas, tais como a Comenda da Ordem de Christo, concedida em remuneração de serviços importantes e arriscados prestados em 1856 quando a cholera morbus invadiu a ilha da Madeira pela primeira vez, e o grau de cavaleiro da Ordem da Conceição de Villa-Viçosa.

Diz Innocencio, de quem temos colhido estes apontamentos, que "impedido por estas funcções publicas, não menos que pelo exercicio de uma extensa clinica particular,, Pitta escrevera menos para a imprensa do que era de esperar da vastidão dos seus conhecimentos. Menciona estas publicações, que nunca vimos, á excepção da ultima:

Propositions sur la vaccine, et ses avantages. Tri-

but academique, présenté et soutenu à la Faculté de Medecine de Montpellier, le 28 août 1831. Montpellier 4.º, de 12 pag.

De la reunion immediate et ses avantages. These soutenue à la Faculté de Medecine de Paris, le 1er août 1831, 4.º de 47 pag.

Observação de uma amputação do utero com estampas. Lisboa, 1849.

Lições feitas na Eschola do Funchal e instrucções populares sobre o cholera morbus epidemico. Madeira, 1849.

Relatorios estatisticos annuaes sobre o movimento clinico do Hospicio da princeza D. Amelia, no Funchal. Annos de 1853 até 1858, inclusivè e provavelmente nos annos posteriores.

Relatorio historico e estatistico sobre a invasão, desenvolvimento e mortalidade da epidemia cholerica na Madeira em 1856. Apresentado ao Conselho de Saude Publica do Reino em 1859.

Discurso pronunciado na abertura da Eschola Medico-Cirurgica do Funchal em 1865. No Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, vol. xxx, pag. 366 e 370.

Foi um dos redactores do *Agricultor Madeirense*, jornal publicado sob os auspicios da Sociedade Agricola do Funchal e durante nove anos foi tambem um dos principais colaboradores do periodico politico, a

Ordem. Faleceu no Funchal em 23 de fevereiro de 1870.

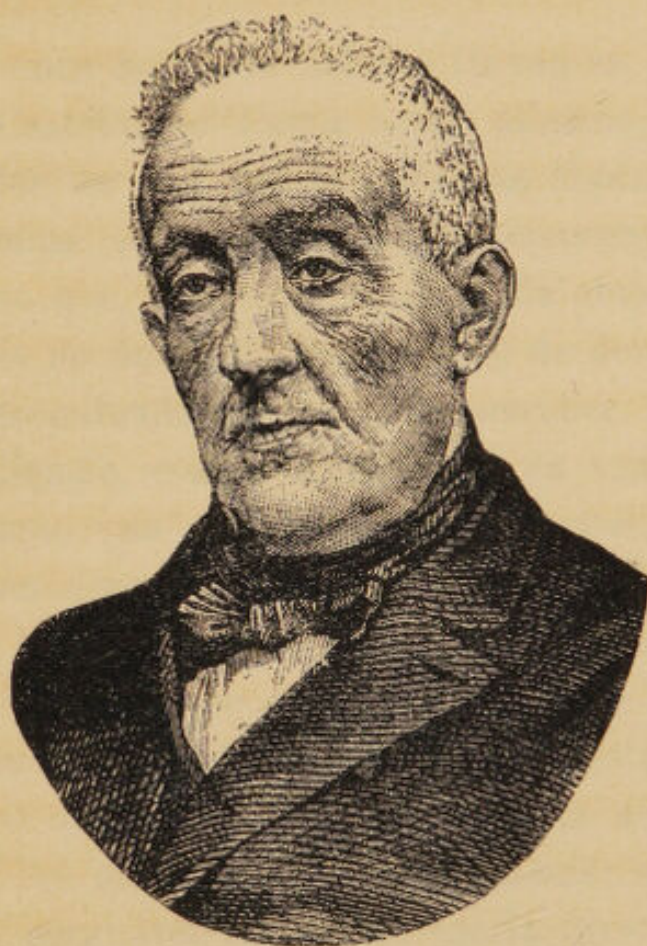
Para remate destes apontamentos biograficos um belo gesto de Pitta nos é narrado pelo nosso distinto colega e amigo João Ferreira. Em 1856 era ele medico em Gibraltar quando a colera se desenvolveu na Madeira. Partiu imediatamente para a sua terra natal para prestar serviços e esta dedicação custou-lhe a perda da esposa que faleceu victima da epidemia.

Quando Gomes Coelho foi da primeira vez á Madeira encontrava-se lá o medico Antonio da Costa Paiva, mais conhecido pelo nome de Barão de Castello de Paiva que tambem era um tuberculoso. Gomes Coelho tinha boas relações com ele, pelo menos as que um discipulo respeitador dos seus mestres com eles mantem. A ele se refere esta passagem de uma carta sua a Custodio Passos de 19 de março de 1869:

“Ainda não vi o Barão, que sei que para maio, vai para Portugal, tendo assim o gosto de o ter por companheiro de viagem.”

Não sabemos se isto sucedeu, mas em outubro desse ano de 1869, Gomes Coelho tornava a empreender a viagem á Madeira a 12 desse mez.

Dessa vez, teve por companheiro de viagem o seu antigo mestre e assistiu, segundo narra a Custo-



Barão de Castelo de Paiva

REPRODUÇÃO DE UMA GRAVURA DO «OCIDENTE»



dio Passos, a 19 de outubro de 1869 a uma scena "das mais graciosas a que tinha assistido.., A scena foi esta :

"Eram onze horas da noite e travou-se entre o Barão de Castello de Paiva e um allemão, que é administrador da casa dos Ornellas na Madeira, um dialogo comico sobre phrenologia, metaphysica e theologia, no que, para complemento da obra, interveio o Conde de Sabugal, que é o typo de doidivanas mais bem accentuado que se pode conceber. Foi soberbo. O allemão, com a ingenuidade da sua nação, dizia ao Barão que não lhe leria os *Novissimos* por coisa alguma d'este mundo; o Barão retorquiu-lhe que talvez lucrasse com a leitura: o allemão dizia-lhe que um homem que estudou medicina e historia natural, não podia escrever coisa que prestasse em theologia. O Barão allegou sete ou oito annos de estudo que lhe absorveram os *Novissimos*; o Conde de Sabugal perguntou-lhe o que queria dizer *Novissimos*; o Barão, tomando a coisa a serio, principiou a explicar dizendo que o primeiro era a morte, fim necessario do homem. Acudiu o allemão, perguntando se tinha levado oito annos a fazer aquella descoberta. O Barão zangou-se. Depois, não sei já como, formulou o Barão a proposição de que Deus dá a todos um bocadinho de juizo mas que os homens fazem mau uso d'elle. O allemão contestou fallando em temperamentos e phrenologia; o Barão, espinhado,

advertiu-o de que estava em frente d'um homem que sabia anatomia e acreditava em Deus. N'isto entra de novo o Conde de Sabugal na conversa e o Barão recorre a este e pergunta-lhe se não concordava em que Deus tinha dado a toda a gente um bocadinho de juizo? Como é isso! respondeu-lhe o Conde, então V. Ex.^a suprime assim de repente os idiotas d'este mundo? O Barão ficou embatucado.

Finalmente o dialogo podia ter sido transcripto que ficava perfeito para uma comedia.,⁽¹⁾

O Barão de Castello de Paiva já é nosso conhecido no *Camilo e os medicos*. Ainda viveu dez annos, visto que o seu obito teve logar em 4 de junho de 1879.

(1) *Ineditos e esparsos*, pag. 417.

IV

Os professores contemporâneos de Gomes Coelho, através da sua correspondência: José Pereira Reis, José de Andrade Gramaxo, João Xavier de Oliveira Barros, José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, José Carlos Lopes, Pedro Augusto Dias, Miguel Augusto Cesar de Andrade.

Na correspondência de Gomes Coelho reunida pelo editor das suas obras; nas duas cartas ao Dr. José Carlos Lopes, publicadas no *Tripeiro* por José Emilio e nas de que tivemos a fortuna de obter comunicação por parte do nosso respeitável mestre e amigo Dr. Pedro Augusto Dias ha muitas referencias aos seus colegas da Escola Medico-Cirurgica que ele estimava e o estimavam como se fossem todos membros de uma mesma familia.

O mais antigo de todos e a que ha mais remota referencia é o Dr. José Pereira Reis, de quem nos occupamos em *Camilo e os medicos*. Reis era então o mais considerado clinico do Porto e não admira que fosse consultado logo aos primeiros rebates da doença que havia de prostrar o autor das *Pupilas*.

Em 10 de outubro de 1866, escrevia Gomes Coelho ao seu querido Custodio Passos:

"Intimidou-me o aspecto da noite. Resolvi evitar-lhe os afagos. Como porém tinha de mandar ahi buscar o boletim, sempre quiz escrever-te para que tu não fosses attribuir a coisa mais seria a minha falta.

"Não teve mais nenhum incommodo, além dos da imaginação, a qual, como eu conjecturava, lidou toda a noite. Esses mesmos m'os curou em grande parte o Reis, com quem fallei esta manhã. Espero dormir esta noite e o mesmo te deseja

o teu do coração

Coelho,,. (1)

Ficam bem ao par um do outro os dois amigos que tanto se quizeram numa vida longa: Reis e Gramaxo.

Foi este o ultimo assistente de Gomes Coelho, mas na correspondencia com Custodio Passos, como na com seu primo e amigo José Joaquim Pinto Coelho, vem o nome do illustre medico que outro dia desapareceu em meio do respeito comovido de todos nós, como o autor de um projecto aparentemente difficil de realizar, para Gomes Coelho poder viver dois

(1) *Ineditos e esparsos*, pag. 382.



Dr. José Pereira Reis

DE UMA FOTOGRAFIA



ou tres anos seguidos na Madeira. E' da carta de Lisboa, 5 de março de 1869, a Custodio Passos, a seguinte passagem :

"Li o que me dizes das tuas esperanças de viver na Madeira. Facilmente as poderás realisar. Eu não tanto; o Estado exige a minha fixação no Porto. A não ser que realise um fantasioso projecto financeiro que hontem li em uma carta do Gramaxo.

"O Gramaxo tem suas utopias. Fallava-me em converter em inscrições a propriedade dos meus romances e em escrever depois um por anno, para viver dois ou trez annos seguidos na Madeira, com o fim de alterar a minha organização e criar um temperamento novo. Como se, desde o momento em que me resolvesse a fazer da litteratura modo de vida eu, *ipso facto*, me não tornasse incapaz de escrever duas linhas?!

Contentemo-nos com estas escapadellas que, no estado das coisas no nosso paiz, já não são pequeno arrojo. O mais será o que Deus quizer,,. (1)

Um mez exacto depois, já na Madeira, dizia a seu primo :

"Leio pouco e não escrevo, nem penso em escrever. O meu fastio litterario é mortal. Na tua carta, modificando o plano do Gramaxo, como os nossos ministros modificam o contracto do Sueste, fallas-me

(1) *Ineditos e esparsos*, pag. 402.

Unable to display this page



Dr. José de Andrade Gramaxo

DE UMA FOTOGRAFIA



não é tão ciosa que não desculpe certas distrações,,.

A mais interessante lembrança encontra-se nesta carta ao Dr. José Carlos Lopes, datada do Funchal em 15 de novembro de 1870 :

“A minha saude é aquella saude do costume, incapaz de servir de typo physiologico. Uma perfeita desgraça !

“Institui contra o catharro e *las muchas otras cosas*, que incommodam os meus bronchios, um systema de tratamento, apregoado pelas quartas paginas dos jornaes, que são um compendio de therapeutica como outro qualquer.

“Vou bebendo agua alcatroada e algumas colhe-res de xarope de seiva de pinheiro.

“Se as panaceias dos pharmaceuticos Guiot e Lagasse realizarem em mim o *milagre* promettido, chamarei benemeritos aos dois homens !

“E, em signal de gratidão, proclamo logo o pinheiro o meu melhor amigo e generaliso o regimen; passo a reduzir a minha sobremeza a pinhões, a trazer, como talisman, uma pinha no bolso, a queimar pinhas em toda a casa e principalmente no quarto de dormir, a usar de camisolas de lã vegetal, de mobilia de pinho, a viver nos pinheiraes e até, se me resolver a tocar algum instrumento, escolherei a rebeca, por causa da resina; finalmente, se me deci-

dir a casar, preferirei alguma mulher que se chame Pinheiro.

“Às vezes em qualquer coisa está a cura de um homem!

“O colega Xavier pôde contar com um relatório sobre a influencia do pinheiro, que lhe fornecerá assumpto para tres lições.” (1)

Já atraz falamos em que o Dr. José Fructuoso Aires de Gouveia Osorio — outro do *Camilo e os medicos* — lhe aconselhava um passeio a Setubal que Gomes Coelho não chegou a realizar. Numa das cartas ao Dr. José Carlos envia-lhe recomendações.

Os mais estimados colegas eram precisamente os seus competidores nos concursos a que se abalançou e em que eles foram victoriosos: José Carlos Lopes, Pedro Augusto Dias e Miguel Augusto Cesar de Andrade.

Já nos occupamos muitas vezes do primeiro e a seu respeito escrevemos estas palavras em que nos não cegou a amizade, antes se nos afigura que fizemos apenas justiça ás suas qualidades de espirito e character:

“Professor, a elegancia natural do seu dizer, a facilidade com que lhe acudiam os termos precisos e rigorosos, o conhecimento profundo das materias que

(1) *Duas cartas de Julio Diniz no Tripeiro, de 15 de maio de 1919.*



Dr. João Xavier de Oliveira Barros

DE UMA FOTOGRAFIA



THE LIFE OF JOHN W. FOSTER

BY J. W. FOSTER

NEW YORK: J. W. FOSTER

1880



Dr. José Carlos Lopes

DE UMA ANTIGA FOTOGRAFIA



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

lhe cumpria ensinar davam ás suas lições um encanto irresistivel. A isto aliava uma tal fidalguia e distincção de maneiras, tão particular e tão sua que captivava os discipulos e os transformava em outros tantos amigos,,.

As cartas publicadas são duas, ambas escritas do Funchal: uma a 1 de dezembro de 1869 e a outra a 15 de novembro de 1870.

Em ambas se vê o carinho que tinha pelo destinatario. Teu amigo do coração; teu velho amigo e colega muito grato escreve ele no fecho das duas cartas.

O dr. Pedro Augusto Dias ainda vive, felizmente para os seus amigos e admiradores entre os quaes nos contamos. Tambem a seu respeito escrevemos algumas palavras apressadas por ocasião do seu 80.º anniversario, em 1915. Do professor diziamos nesse mesquinho trabalho:

“O que foi o seu ensino durante os trinta anos que regem a cadeira aí estão numerosos discipulos a atesta-lo; nele manifestou a maior diligencia e o maior zelo, além de uma competencia que de dia para dia aumentava. Nesses numerosos discipulos adquiriu muitos amigos e nenhum inimigo. É tanto mais de admirar o facto que o Dr. Pedro Dias não se esforçava por conquistar simpatias, a não ser pelo unico meio de as inspirar duradoiras: pelo seu trabalho constante e pela justiça com que apreciava os alu-

nos, para quem todavia era menos rigoroso do que para si proprio,.

“Quando se jubilou escrevia a seu respeito o sr. Ferreira de Castro que tanto no jornalismo medico como na clinica tem honrado o estabelecimento em que estudou:

“Acaba de ser jubilado, como requereu, o Sr. Dr. Pedro Augusto Dias, um dos mais considerados professores da Escola Medico-Cirurgica do Porto, cujo nome ele sempre honrou dum modo proeminente, assim na cathedra como na clinica.

“Tendo feito uma conscienciosissima carreira de professor muito zeloso no bom ensino que ministrava, faz um grande falta á Escola e ás gerações academicos que deixam de lhe escutar a palavra de mestre e de lhe ouvir o conselho de amigo.

“Sentindo profundamente a retirada do venerando professor, consola-nos a esperanza de que ele continue a manifestar a sua autorizada opinião nos lances dificeis da clinica, na qual sempre demonstrou, a par de muita sciencia esclarecida, correctissimas qualidades profissionaes.

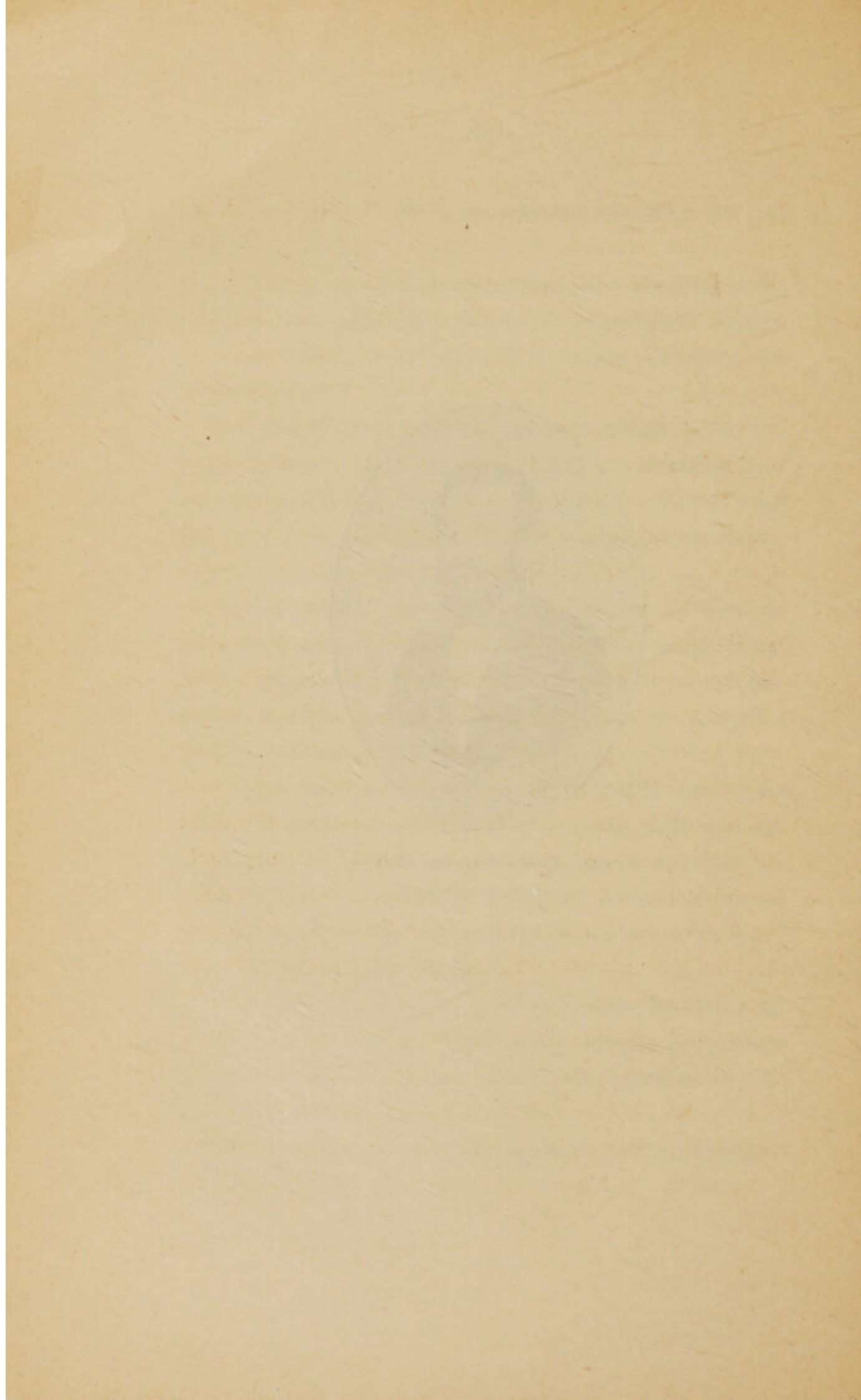
“Prepara-se para o dia da abertura das aulas da Escola a 5 de outubro, uma manifestação ao professor que deixou em cada aluno um admirador dos seus elevados meritos,.

“Finalmente, terminavamos pela forma seguinte:



Dr. Pedro Augusto Dias

DE UMA FOTOGRAFIA DE 1866



“Não se confinou a actividade do sr. Pedro Dias no professorado e na clinica.

“Antes do seu ingresso na Escola, já se entregava a investigações bibliograficas, manifestando nelas o escrupulo e o espirito critico que havia de evidenciar em toda a sua obra. Prova-no-lo uma carta sua a Innocencio, datada de 30 de setembro de 1861. Publicara este no primeiro volume do seu monumental *Dicionario Bibliografico* o artigo referente ao medico Ambrosio Nunes, reproduzindo o que a seu respeito escrevera Barbosa Machado. O sr. Pedro Dias “distinto medico da cidade do Porto e afeiçoado aos estudos bibliograficos,, comunicou-lhe algumas duvidas que lhe sugeriu o exame das suas obras, reparos evidentemente muito fundados. Innocencio não aceitava bem que alguém invadissem os dominios em que tinha adquirido competencia reconhecida. “Pareciam-lhe plausiveis as razões alegadas pelo seu perspicaz e assisado correspondente,, mas não lhe pareciam de todo infalliveis. O que se sabe hoje ácerca do illustre professor de Salamanca não faz mais do que avultar a justiça das observações do nosso mestre.

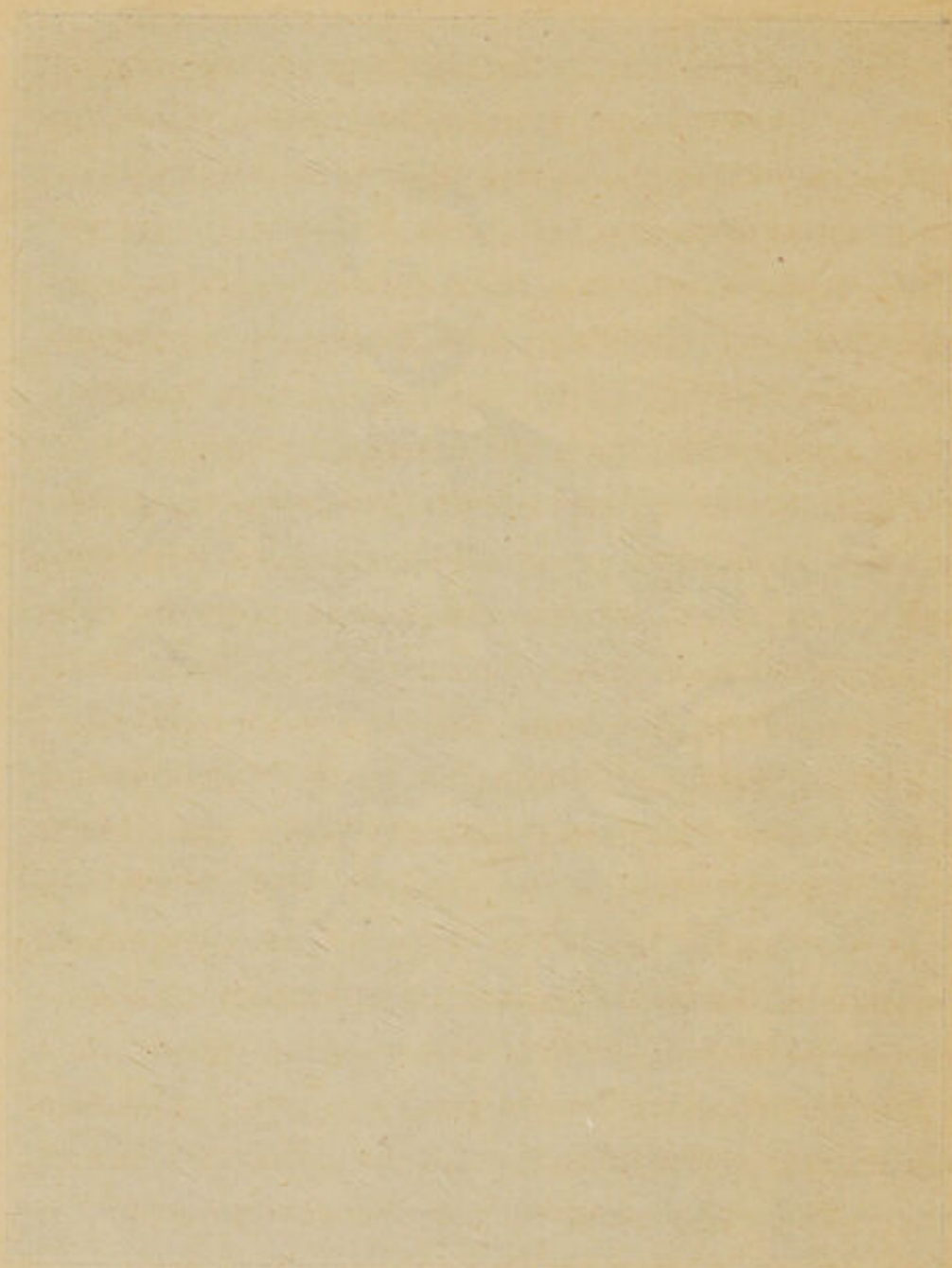
“Desde então, nunca deixou de versar com tanta devoção quanta lhe permitia a sua vida de professor e clinico os estudos bibliograficos e historicos. Certamente a lembrança de seu pai que tinha sofrido a prisão, como liberal, em Almeida fe-lo interessar

principalmente pela historia da implantação do regimen constitucional no nosso país.

“Publicou o sr. Ernesto do Canto o seu valioso *Catalogo das obras nacionais e estrangeiras relativas aos sucessos de Portugal nos anos de 1828 a 1834* (1888). Nesse mesmo ano, o sr. Pedro Dias fazia imprimir a sua *Arqueologia politico-literaria* (1828-1834) em que reimprimiu dois opusculos interessantes e rarissimos: *O circo olimpico dos burros emigrados* e *Gratidão e galanteria da corte imperial para com a excelentissima senhora Dona Leonor da Camara, dama de S. M. a Rainha de Portugal*, mas em que principalmente aditou 67 numeros ao catalogo do sr. Canto, aliás cuidadosamente elaborado. Estas novas especies foram aproveitadas reconhecidamente para uma segunda edição do seu livro pelo bibliofilo açoriano.

“Mais tarde, começou a publicar no *Comercio do Porto* uma serie de artigos, valiosos por conterem elementos e subsidios de importancia para a historia imparcial das luctas para a implantação do regime constitucional e especialmente na cidade do Porto. Nascido, como ele diz, quando ainda sangravam as feridas dessas desgraçadas luctas, procurou “ser moderado e imparcial, na exposição e apreciação dos fatos, deixando até de mencionar e encarecer outros cuja noticia podia ser desagradavel aos descendentes de alguns dos homens dessa epoca.”

Unable to display this page



Esses folhetins foram mais tarde reunidos em volume, a pedido dos leitores, com o título de *Subsídios para a historia politica do Porto* (1823-1824) — Porto, tipografia Central, 1896.

O maior elogio que eles merecem está nas proprias palavras do autor, que acima transcrevemos. Nenhuma asserção ha no livro que se não baseie em documento autentico que foi cuidadosamente meditado e criticado, mas todas as vezes que tem a mencionar um desfalecimento, uma fraqueza, uma violencia, uma traição, a pena do historiador passa de leve, como quem conhece as inconsistencias do character nacional e se as não absolve forceja por esquece-las.

São paginas de muita luz as que constituem o interessante opusculo. O capitulo com que abre o livro mostra-nos a restauração do absolutismo em 1823 e nele avultam as figuras dos energúmenos do tempo, a começar em Francisco de Alpoim de Menezes que redigia a *Trombeta Lusitana* até Aires Pinto, infatigavel perseguidor dos pedreiros livres. A seguir, mostra-nos qual era a afeição da cidade do Porto á causa liberal; quando, a 29 de abril de 1828, se promoveu uma manifestação absolutista no municipio houve dificuldades em obter adesões a uma mensagem de regosijo que não recolheu mais de 968 assinaturas.

Agora temos a descrição da revolta de 16 de maio, a anulação do auto de 29 de abril e a queda

Unable to display this page

pela excelencia da critica e pela imparcialidade, não isenta de benevolencia, com que está escrita.

“Outro ramo de historia que o dr. Pedro Dias cultivou com desvelado amor foi o da sua propria profissão. Já dissemos que a oração inaugural que pronunciou por ocasião da abertura das aulas em 1866 a teve por objeto.

“Entre os poucos que se interessam por tais estudos, mais fatigantes que proveitosos, forçoso é confessá-lo, entre nós adquirira o dr. Pedro Dias indiscutivel autoridade. Todavia, nunca ele se dispuzera a escrever para ensino dos outros o que tinha adquirido com tanto esforço e critica paciente. Tivemos a satisfação de vencer a sua modesta relutancia e numa publicação que atravez de numerosas vicissitudes ainda dirigimos, os *Arquivos da historia da medicina portuguesa*, appareceu de 1886 a 1887, de sua autoria, a memoria *Rodrigo de Castro, apontamentos para a biografia do creador da ginecologia*, modelo a seguir em trabalhos desta natureza e impossivel de exceder em erudição e critica.

“Infelizmente, a suspensão do periodico por quatro anos não permitiu concluir o trabalho.

“No volume seguinte, encontramos uma noticia interessantissima sobre *Honorarios medicos no seculo XVI*, em que se occupa principalmente dos que venceram os drs. Fernão Abarca Maldonado e Daza Chacon, o primeiro medico da princeza D. Joana, filha

de Carlos v, e o segundo cirurgião da mesma senhora, quando vieram a Portugal.

“Em 1895, volta o nosso mestre a colaborar nos *Arquivos*, escrevendo o que reputamos a sua obra primacial em materia da historia medica: *A Universidade de Coimbra. Os primeiros mestres da faculdade medica* (1532-1556). A memoria recente do sr. dr. Teixeira de Carvalho sobre Alonso Rodrigues de Guevara permitirá acrescentar-lhe um ou outro pormenor, mas a apreciação geral dos meritos dos primeiros lentes de medicina da reforma de D. João III e do valor dela ficou.

“Queremos concluir e ainda nos falta mencionar um livro seu, por sinal o primeiro que publicou. É o *Catalogo da coleção de moedas e medalhas portuguezas* e outras pertencentes a Eduardo Luiz Ferreira Carmo — Porto, 1877.

“Faltando-nos por completo a competencia para avaliar trabalhos desta natureza, limitamo-nos a dizer que nele são descritas 1197 moedas portuguezas, sendo 797 para o continente, 3 para os Açores, 53 para Moçambique, 16 para as ilhas de S. Tomé e Príncipe, 193 para a India e 133 para o Brasil; 153 moedas portuguezas; 127 moedas antigas de Espanha; 17 moedas suevo-lusitanas; 18 moedas wisigodas de Espanha; 275 moedas diversas e finalmente 7 moedas de Frei Manuel Pinto da Fonseca, grão mestre de Malta.

“Desejamos que pessoa competente dissesse por nós o juízo que formava do valor do catalogo e por isso recorremos ao nosso amigo J. Leite de Vasconcelos, tambem discipulo do dr. Pedro Dias

“O ilustre arqueologo escreve-nos: “É trabalho metodico e consciencioso, denota grande conhecimento em seu autor e constitue uma especie de manual de numismatica nacional, onde se acham compendiadas todas as materias de que os nossos numismaticos costumam ocupar-se,,.

“Leite de Vasconcelos dedicon em 1906 ao nosso mestre o seu estudo *Poesia numismatica* e na dedicatoria afirma que nele “por feliz feição do espirito, o arduo cultivo da sciencia hipocratica se coaduna habilmente com o estudo das moedas e das boas letras,,.

“Era-nos gratissimo tributar ao mestre que respeitamos, ao colega que apreciamos, ao amigo a quem votamos estima e consideração a homenagem a que ele tem direito, mas se nos atraçoou a boa vontade desculpem-nos em atenção ás condições em que escrevemos, falta de saude e de tempo.

4-4-1915.

Alguns trabalhos ainda se podem acrescentar aos que ficam citados: os que produziu depois de 1915.

No *Comercio do Porto* de 2 de maio de 1918 apa-

receu um folhetim com o titulo: *O Conde Antonio Jacintho Xavier Cabral* em que se dá noticia de um artista portuguez quasi completamente desconhecido; nos numeros de 5 e 7 de agosto do mesmo ano encontra-se um trabalho seu intitulado: *Um preso de Almeida*; e nos de 25 e 27 de julho e de 8 de agosto um outro intitulado: *O typho exanthematico em Portugal*. Nos *Arquivos de historia da medicina Portugêsa*, de 1919 encontra-se *A Real Escola de Cirurgia do Porto* e o *Medico José Bento Lopes*, poeta gereziano.

O leitor não esqueceu certamente que em 1915 passou o 80.º anniversario do illustre professor.

São cinco as cartas de Gomes Coelho ao dr. Pedro Dias que este conserva em seu poder. Em todas elas se mostra o affecto que ligava os dois colegas e que este affecto se foi radicando com o tempo. A primeira foi escrita a 5 de abril de 1868 do Porto para Caminha e refere-se á pretensão do dr. Pedro Dias de mudar de secção que recentemente fôra presente ao Conselho da Escola. É esta:

Am.º e collega

No Conselho de hontem foi discutida a sua pretensão. A sessão esteve tempestuosissima. A cirurgia apavorou-se. A velha e sedicã questão da preeminencia, digna de um hyssope, ressuscitou com todas

as suas sanhas. Houve allusões pessoaes, murros sobre a meza, protestos e contra-protestos, mexericos e discursos massadores. A final decidiram que se desse um parecer ambiguo, recordando a lei que se oppõe, mas fazendo o panegyrico do pretendente. O Director tem de dar um parecer confidencial. Parece-me q. não seria mau apparecer na Escola. Julgo q. me percebe.

Seu am.^o e coll.^a

Joaquim G. Gomes Coelho.

Porto 5 de
abril de 1868.

A segunda é de 15 de fevereiro do ano immediato e datada de Lisboa, Rua Direita da Graça, n.^o 35. Agradece-lhe as provas de interesse e amizade que recebeu durante a sua doença e oferece-lhe os seus serviços em Lisboa, "a cujos ares estou confiando a restauração dos meus bronchios e pulmões.". "O estado lucra este ano commigo um dinheirão e tenho certo orgulho em pensar que dou no monstro do *deficit* uma dentada que lhe ha-de ficar de memoria. Direitos de mercê 10 % como professor; 14 % como secretario; $\frac{1}{2}$ como doente, soma tudo perto de 100 mil reis. Se a patria se não salva com isto, não sei então o que ha-de ser da patria. Eu a precisar de tonicos e o governo a pôr-me na medicação antiphlogistica!

Será influencia do Bispo, o tentar-se o jejum forçado p.^a nos conduzir á salvação?

A terceira é de poucos dias depois — de 2 de março. No endereço escreve *Amigo Pedro*. Dava-lhe a noticia de que resolvera ir para a Madeira onde contava demorar-se até fins de maio.

A carta immediata é do Funchal, mas pertence a uma outra visita. É de 19 de dezembro de 1869. Tinha havido concursos na Escola Medico-Cirurgica do Porto e agora que os colegas estavam mais descansados e se avisinhava o remanso das ferias escrevia a varios colegas para ter o prazer de receber as respostas.

Da terra não podia dar noticias interessantes, porque sem licença dela não podia haver monotonia em parte alguma do mundo.

“Fallando-lhe de mim, dir-lhe-ei que estou passando menos mal, porque não tenho incommodo actual a apoquentar-me, a não ser o produzido por umas ideias negras q̃ me são habituaes. Comtudo vou comendo e dormindo e dizem os medicos d’aqui, que é isso o essencial. Apesar do cheiro materialista que tem esta opinião eu não ponho escrupulo em aceitar-a e por isso direi que vou melhor,,.

A seguir vem esta referencia aos novos professores que a corporação tinha adquirido na sua ausencia:

“Chegou-me cá a noticia de dois collegas p.^a o seio da nossa egreja. Deus os veja entrar e com

elles o espirito da boa camaradagem, de que nós m.^{to} precisamos. Não conheço o Oliv.^a Mont.^o Diz-me porém aqui um rapaz que o conhece, que é um excelente companheiro. Bom será isso. ⁽¹⁾

Tratava-se do dr. Antonio de Oliveira Monteiro ácerca de quem falamos em *Camilo e os medicos*. O outro colega que entrou pela mesma epoca foi o dr. Eduardo Pereira Pimenta que a mocidade academica do nosso tempo reputava um santo. Quando faleceu, o dr. José Carlos Lopes proferiu as seguintes palavras que transcrevemos de um artigo de *José Emilio*, publicado no *Tripeiro*, de 15 de maio de 1919:

“A peregrina aliança d’um imperturbavel sangue-frio, d’uma invejavel firmeza de mão e d’uma prudente ousadia, todas estas invulgaes qualidades fizeram d’elle um cirurgião superior, a ponto de chegar a ser considerado, durante muitos annos, como um dos primeiros operadores do paiz.

“A par d’isso, a par d’essa força d’alma, d’esse desprezo pelo sangue humano, d’essa profunda indiferença pela dôr — outros tantos elementos sem os quaes não póde haver verdadeiro operador — que bondade immensa a do seu bellissimo coração!

(¹) Em carta de 1 dezembro de 1869 ao dr. José Carlos Lopes escrevera Gomes Goelho: “Acabaram ahí os concursos e entraram dois colegas novos. Deus os veja entrar!”

Do Monteiro são boas as informações que me dá aqui o meu companheiro de casa Pires Marques.

O Pimenta é um excelente rapaz.”

Unable to display this page

sejava escrever ao Andrade, mas não tenho tempo. Peço-lhe o favor de me recommendar a elle, logo que tenha occasião. Este ultimo colega nomeado era Miguel Augusto Cesar d'Andrade, nascido no Porto a 3 de julho de 1829 e falecido a 12 de janeiro de 1873. Matriculou-se na Escola Medico-Cirurgica do Porto em 27 de setembro de 1847 e concluiu o curso em 1852, tendo a sua carta a data de 31 de maio. Premiado no 3.º ano, não fez acto do 4.º e 5.º anos nem defendeu these porque foi alcançado por dois perdões de acto. Foi depois doutorar-se a Bruxelas, mas não sabemos a data em que aí terminou os seus estudos.

Concorreu pela primeira vez á Escola em 1863 em companhia dos drs. Pedro Augusto Dias, Gomes Coelho e José Carlos Lopes, sendo este ultimo o preferido. Novamente concorreu á secção cirurgica no ano immediato sendo nomeado demonstrador. Foi promovido a substituto por decreto de 27 de julho de 1868 e finalmente por decreto de 5 de março de 1868 foi elevado a lente da 10.ª cadeira, anatomia patologica.

A ultima carta é do Funchal a 20 de fevereiro de 1870. O seu trecho mais importante é o seguinte:

“Em primeiro lugar, usando dos privilegios de doente, fallarei de mim. Devo bastantes beneficios á ilha da Madeira e estou até convencido de que não poderei tão cedo prescindir da influencia d'esta sa-

lutar temperatura, durante os mezes do inverno. Comtudo esses beneficios não são de tal ordem, que me authorisem a suppor-me restabelecido. Ainda ha uma semana me reappareceu ensanguentada a expectoração que sempre tenho pelas manhãs. Não sei se concorreu para isso a reclusão forçada, a que me obrigaram uns dias de muita chuva que aqui houve, se a influencia moral do falecimento de uma pessoa da minha familia, bem como do de um dos meus companheiros de casa, o filho do Cardoso do Souto, que para aqui veio commigo e que voltou n'este vapor, em um caixão funerario. Comtudo já vou encarando estes contratempos mais desassombrado, não por me deixar illudir mais do que dantes, mas por me serem mais indifferentes os resultados provaveis ou possiveis.

Emquanto aos projectos a que allude, se eu os realizasse taes, como os concebi, nada havia que se me pudesse estranhar, porque outro qualquer, na minha posição, procederia egualmente. Asseguro-lhe porém que não darei passo algum irreflectido, e cedendo sómente ao impulso de uma paixão de momento. Ha muito que penso no meu futuro e se peccar, é mais por excesso de pensar n'este assumpto, do que por o tractar levemente.

Relativamente á proposta que me faz em nome de um editor brasileiro, nada por emquanto lhe posso responder definitivamente. Primeiro que tudo,

alguma coisa que tenho escripto está ainda tão atrasada, tão longe da realização, que entrar em contractos a respeito d'ella era renovar a antiga fabula da leiteira; contada por La Fontaine. Alem d'isso tenho já compromissos com editor portuguez, e provavelmente o mais que poderei fazer, se assim o quizerem, era editar simultaneamente em Portugal e no Brazil, ficando cada um dos editores com exclusivo direito á propriedade da edição no paiz respectivo. Mas a seu tempo fallaremos n'isto, pois attendendo ao atrazo em que ainda está o que tenho escripto e á instabilidade da minha saúde seria demasiada antecipação formular desde já projectos de contractos.

Verei se lhe posso arranjar a medalha e moeda de 5 rs. que me pede. Tendo tido na minha mão moedas de 10 rs. cunhadas expressam.^{te} p.^a a Madeira; não me recordo de ter visto as de 5, mas procederei a diligencias p.^a obtel-as. Adeus. Recomende-me ao J. Xavier e m.^s coll.^{as} e disponha de quem é

Seu ver Paid.^o am.^o e coll.^a

Gomes Coelho.

Funchal

21 de Fev.^o

de 1870.

A pessoa de familia que lhe havia falecido sabemos por uma carta a Custodio Passos que era,

uma tia que lhe votava affecto verdadeiramente maternal. "A noticia do falecimento de minha tia abriu este triste periodo, que não sei quando acabará. Não podia ser indifferente áquelle acontecimento, apesar de esperado. Quando não bastasse uma convivencia de muitos annos para no fim sentir a falta d'aquella pobre senhora, a lembrança de que, ha justamente um anno, eu a via de dia e de noite ao lado do meu leito, como incansavel enfermeira, mal pensando em que mais cedo seria victima do que o doente que desveladamente tractava, essa lembrança não podia deixar de despertar-me as mais vivas saudades. Ha em todas as familias umas modestas creaturas que vivem uma existencia obscura no interior das casas e em que nós não pensamos quando temos saude e andamos distrahidos por os nossos projectos, mais ou menos ardentes. São essas porém aquellas com quem afinal nos achamos, quando temos saude e andamos distrahidos por os nossos projectos e se amortece o ardor d'aquellas paixões. Os beneficios que então se recebem d'ellas são de tal ordem que seria uma ingratidão esquecel-as, quando de novo volta a epocha de podermos prescindir d'ellas. Eu, pela minha parte, não as esqueço, porque ainda não perdi de vista esse periodo de provação que, mais tarde ou mais cedo, sei que ha de voltar para mim.,⁽¹⁾

(1) *Ineditos e esparços*, pag. 425.

Desde que Gomes Coelho regressou do Funchal em maio de 1870 poucos documentos escritos ha dele. Voltou á ilha em 15 de outubro e aí esteve até maio de 1871. Deste ultimo periodo, ha uma carta pungente a José Pedro da Costa Basto, de 19 de março. É dela o trecho seguinte:

“A causa do silencio que tenho guardado em dois ou tres paquetes successivos foi a da minha doença. O mez de fevereiro foi um mez de provação para mim. Tive todos os symptomas mais apoquentadores que podem affligir um mortal. Nevralgias, spasmos, dôres viscerais e afinal mais tosse, mais catharro, mais espectoração, fraqueza e um estado nervoso que mal me deixava fallar e escrever e que por isso não me deixou cumprir para com os meus amigos os deveres que a amizade me impunha.

Agora vou melhor, mas devagar. Confio em abril e maio.”⁽¹⁾

Regressou neste ultimo mez. Chegando ao Porto foi residir com seu primo e amigo José Joaquim Pinto Coelho na Rua do Costa Cabral “na enganadora esperança, diz o sr. Alberto Pimentel, que alimentavam os seus, de que a proximidade benefica dos campos seria obstaculo á marcha, cada vez mais accelerada, da molestia.

“Levou comsigo alguns livros, especialmente

(1) *Inéditos e esparsos*, pag. 347.

inglezes, a cuja leitura se entregava com interesse. Não obstante os extremos carinhos da familia que o rodeava e a solícita assistencia dos seus intimos amigos, o primeiro mez foi de continuo definhar, sendo-lhe já motivo de aborrecimento, muitas vezes, o rever as provas dos *Fidalgos da casa mourisca*, que se estava imprimindo, apesar de auxiliado n'este trabalho por seu primo, e podemos dizer enfermeiro, o sr. Pinto Coelho.

“Assim foi declinando a vida de Gomes Coelho, até que á uma hora da madrugada do dia 12 de setembro, tendo passado a noite com seu primo e o seu intimo amigo o sr. Custodio José de Passos, sem denunciar tão proximo desenlace, exhalou o derradeiro alento, depois de uma longa agonia de tres quartos d'hora.”⁽¹⁾

Bem diz o sr. Pimentel que esperanças de melhora as alimentavam os seus. O doente é que, á vista da carta a José Basto, acima transcrita, ha muito as tinha perdido. Ou ele não fosse medico! E d'aí, quem sabe?

⁽¹⁾ Alberto Pimentel — *Julio Diniz (Joaquim Guilherme Gomes Coelho)* — Esboço biographico. — Porto, 1872 — pag. 37.

INDICE

	Pág.
I — Gomes Coelho em Ovar. — João Semana: o pai de Julio Diniz; o medico-cirurgião João José da Silveira. — O cicerone de Gomes Coelho: o bacharel em medicina Manuel Pereira Zagalo . . .	1
II — O farmaceutico Bernardo de Oliveira Ramos, primo de Gomes Coelho. — O primeiro concurso a que se apresentou Gomes Coelho. — Apreciações do "Jornal do Comercio". — Gomes Coelho secretario da Escola. — Um documento inédito . .	31
III — A primeira viagem de Gomes Coelho á Madeira. — Quem a decidiu: o Dr. Carlos May Figueira. — A viagem; os primeiros tempos na ilha: o Dr. Pitta. — Companheiros de viagem: o barão de Castelo de Paiva	61
VI — Os professores contemporaneos de Gomes Coelho, através da sua correspondencia: José Pereira Reis, José de Andrade Gramaxo, João Xavier de Oliveira Barros, José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, José Carlos Lopes, Pedro Augusto Dias, Miguel Augusto Cesar de Andrade .	79

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY
NEW YORK

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY
NEW YORK









PREÇO 2\$50

